



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Terezinha Maria Valente

***Um estudo da trajetória de vida e práticas
sociais de mulheres solteiras de Viçosa - MG e
Senador Firmino - MG***

Viçosa – MG

Abril de 2013

Terezinha Maria Valente

***Um estudo da trajetória de vida e práticas
sociais de mulheres solteiras de Viçosa - MG e
Senador Firmino - MG***

Monografia apresentada ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Alves de Alves

Viçosa – MG

Curso de Ciências Sociais da UFV

Abril de 2013

Terezinha Maria Valente

*Um estudo da trajetória de vida e práticas
sociais de mulheres solteiras de Viçosa - MG e
Senador Firmino - MG*

Aprovado em 03/04/2013

MEMBROS DA BANCA

Prof.^a Dr.^a Daniela Alves de Alves – Orientadora

Prof.^a MSc. Daniela Leandro Rezende – Examinadora

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Lopes – Examinadora

Dedicatória

A meu filho Thiago e à memória de meu pai, que sempre acreditaram em mim e que eu nunca fugiria aos desafios.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que me deu forças e sabedoria para chegar até aqui.

Agradeço a meu filho Thiago e à minha família, pelo amor incondicional e por sempre acreditarem que, depois de aposentada como professora, eu desse conta de um curso na Universidade Federal de Viçosa.

Agradeço de forma especial ao Prof. Tarcísio Barbosa, que esteve ao meu lado em todos os momentos, inclusive fazendo as correções necessárias de meus artigos, projetos e do trabalho final do curso. Seu apoio foi imprescindível nessa conquista.

Agradeço às pessoas especiais que me ajudaram nesta pesquisa, tanto as de Viçosa como as de Senador Firmino, que colaboraram para que as entrevistas acontecessem de forma tranquila, sendo generosas em relação ao tempo e à disponibilidade.

A todos que me amam e me ajudaram de uma forma direta e indireta nessa jornada que termino agora. Obrigada!

RESUMO

Neste trabalho, explora-se como são construídas as noções de “mulheres solteiras” no Brasil contemporâneo. Ao comparar a trajetória de vida e práticas sociais de mulheres solteiras e independentes, entre 40 e 60 anos, residentes em Viçosa, MG e em Senador Firmino, MG, percebe-se uma valoração diferenciada no que se refere ao estilo de vida dessas mulheres que decidiram permanecer solteiras como um sinal de status que lhe confere maior grau de mobilidade e também de autonomia. É a partir de narrativas dessas mulheres que se analisam como, nos distintos contextos, várias noções atribuídas a elas remetem a algumas ideias proclamadas pelo feminismo, sendo a educação e o trabalho qualificado e remunerado percebidos como centrais à autonomia das mulheres.

Palavras-chave: mulheres solteiras, independência, individualidade, feminismo e estilo de vida

ABSTRACT

In this work it is explored how the “single women” notions are built in contemporary Brazil. Comparing the life path and social practices of unmarried and independent women, between the age of 40 and 60 living in Viçosa, MG and in Senador Firmino, MG, it is noticed a different appreciation regarding the lifestyle of those women who decide to remain single as a signal of status that gives them more mobility and autonomy. In different contexts, based on these women’s narratives it is analyzed how several notions assigned to them refer to some ideas proclaimed by feminism. Among them, education, paid and qualified work are noticed as main factors for women’s autonomy.

Keywords: “single women”, independence, individuality, feminism and lifestyle

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O FEMINISMO E SUA EXPANSÃO NA MODERNIDADE.....	10
3. A FRAGILIDADE DOS RELACIONAMENTOS AFETIVOS NA CONTEMPORANEIDADE	14
4. NOVOS ARRANJOS FAMILIARES E A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE	18
5. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	29
5.1. As cidades como <i>loci</i> de pesquisa	29
5.2. Metodologia.....	31
5.3. As entrevistadas e suas falas	32
5.4. O que move estas mulheres?	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
8. ANEXOS	48

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, no Brasil, “mulheres solteiras” tem sido um tema recorrente em trabalhos acadêmicos, principalmente no que se refere à profissão e à vida pessoal. O que se almejou pesquisar nesse trabalho foi a maneira pela qual distintas transformações sociais da contemporaneidade estão presentes na vivência socioafetiva de mulheres solteiras de um determinado segmento da sociedade.

A divulgação dos dados do censo 2010 apontando para a tendência de aumento no número de pessoas que moram sozinhas, os chamados domicílios unipessoais e de mulheres que são chefes de família, abriu caminhos para a construção de uma problemática diferenciada em torno da questão. Este estudo, tendo como foco a trajetória de vida de mulheres solteiras presentes no Brasil contemporâneo, centrou-se nas discussões sobre uma preferência pessoal ligada à eleição de um estilo de vida que vem se firmando nos grandes centros urbanos, sobretudo na classe média, conforme assegura Gonçalves (2007). Esse estilo de vida está, por sua vez, relacionado ao processo de individualização crescente que se observa nesse segmento, uma característica da modernidade.

Vale ressaltar que a categoria “estilo de vida” remete a Giddens (1991), que o analisa como um processo a conferir autoidentidade, e a Bourdieu, que o define como “gosto ou preferências” ligados a um *habitus*. Sendo assim, a ampliação da autonomia e esse processo de individualização, como chances de fazer escolhas, de decidir por si mesmas e de ter mais poder, possibilitam a esse conjunto de mulheres, sujeitos desta pesquisa, romperem com o estereótipo tradicional da “solteirona”.

Tomando esse ponto como referência, a revisão bibliográfica foi feita com base em temas que podem explicar como as transformações sociais afetam a vivência socioafetiva e profissional de mulheres que optaram por viver “sós”. No campo das transformações, Zigmunt Bauman (2004) afirma que os vínculos humanos vêm se deteriorando gradativamente e que os relacionamentos contemporâneos são traduzidos como amores líquidos, sem compromisso, de pouca duração e “infinito enquanto dure”. Pela leitura de Berquó (1989) e Goldenberg (2003), este mundo transformado pelas lutas feministas impulsionaria as mulheres “independentes” à autodeterminação, favorecendo determinadas “escolhas” e investimentos em outros projetos individuais e não apenas no casamento. Matos (2000) afirma que a sociedade brasileira se reconstrói e busca alternativas para a experiência do outro através de reinvenções do vínculo amoroso. Os estudos destas

autoras apontam que os novos arranjos familiares constituiriam, então, uma nova forma de vida.

Segundo Castells (1999), a inserção da mulher no mercado de trabalho remunerado provocou profundas transformações neste mercado, gerando consequências importantes na família, o que contribuiu para uma nova ordem social: mulheres como chefes de família. Levando em conta todos esses discursos, cabe ressaltar que, segundo Gonçalves (2007), vários estudos vêm demonstrando que atualmente as mulheres solteiras compõem uma boa parte da sociedade e que essas pessoas “sós” constituem uma nova categoria social, confirmando a tendência de uma nova identidade.

Para esse estudo, foram consultados, também, resultados do censo 2010, sínteses e relatórios de pesquisa do IBGE, bem como pesquisas realizadas em instituições acadêmicas e artigos veiculados na mídia.

O que se pretendeu foi estudar estilos de vida de mulheres solteiras de camadas médias urbanas brasileiras, consideradas independentes, morando/vivendo sozinhas há pelo menos cinco anos, que tenham ou não filhos, não importando o estado civil anterior, e que residam em Viçosa-MG ou em Senador Firmino - MG com idades entre 40 e 60 anos, aproximadamente.

Torna-se importante frisar que a escolha por mulheres entre 40 e 60 anos se relaciona ao fato de, nessa faixa de idade, a mulher de classe média normalmente ter uma escolaridade superior e uma profissão definida ou uma carreira específica. Delimitando um pouco mais, importa compreender como se relacionam profissão e vida pessoal na experiência de mulheres solteiras por opção aqui constituídas como sujeitos desta pesquisa.

O objetivo principal desta pesquisa foi comparar a trajetória de vida e práticas sociais de mulheres solteiras e independentes, residentes em Viçosa e em Senador Firmino, tendo como objetivos específicos: analisar como as mulheres vivenciam a condição de solteiras por opção na cidade em que vivem; identificar as motivações que levam essas mulheres à solteirice; verificar se existe influência da família na escolha de ser solteira; verificar a relação entre essas mulheres solteiras por opção e o mercado de trabalho; e identificar o perfil socioeconômico das solteiras por opção.

Ao privilegiar este segmento da população – mulheres de camadas médias morando sozinhas, independentes – esse estudo possibilita formular hipóteses relevantes, quais sejam: 1) a opção da mulher por viver solteira atrelada a uma nova maneira de estar no mundo se relaciona à ascensão e à entrada das mulheres no mercado de trabalho; 2) em cidades universitárias como Viçosa, assim como nas grandes cidades, a liberdade

individual da mulher que opta por viver solteira é favorecida, na medida em que os vínculos são mais societários e menos comunitários.

Sendo assim, é importante analisar como as mulheres vivenciam a condição de solteiras na cidade em que vivem, uma vez que os círculos sociais mais amplos encorajam a liberdade individual, já os menores a restringem (SIMMEL, 1971).

Segundo Gonçalves (2007), vários estudos explicam a tendência de aumento crescente de mulheres morando sozinhas por uma combinação de uma série de fatores: conquistas da revolução feminina; entrada no mercado de trabalho associado a processos crescentes de urbanização; fluxos migratórios significativos; e aumento das taxas de divórcio e separações, seguidos de fatores de ordem subjetiva, como o desejo de individualidade.

Nesse contexto de transformações, as pessoas solteiras vêm ganhando visibilidade na mídia e nos estudos, que começam a desconstruir velhos estigmas relacionados à solteirice, principalmente com relação às mulheres, vistas agora como autônomas e independentes. Vale ressaltar que o termo “solteira” vem assumindo um novo significado na contemporaneidade: ser solteira remete-se tanto à mulher que não se casou, como à mulher que se separou ou divorciou e, por motivos diversos, escolheu viver/morar sem o seu par. Os principais subsídios para esse estudo correspondem a elementos referentes a estilos de vida, relacionamentos amorosos e identidade.

A escolha por Viçosa (MG), mesmo não sendo um grande centro urbano, mas com marcas de cidade universitária e por Senador Firmino (MG) como *loci* de pesquisas se fundamentou no entendimento de que nessas cidades o estilo de vida das pessoas, no caso, mulheres solteiras, poderia conter também uma valoração diferenciada. Partindo de narrativas dessas mulheres, a proposta foi compreender como elas vivenciam o seu dia a dia no que tange à profissão e à vida pessoal, uma vez que ideias sobre a solteirice podem variar de acordo com cada cultura, época e sociedade.

Dessa forma, identificar as motivações que estimulam essas mulheres na escolha pela solteirice foi o ponto chave para o entendimento de um novo processo que confere uma autoidentidade (GIDDENS, 1991).

Assim, esta pesquisa se justificou pela necessidade de compreensão desse fenômeno que vem se tornando uma tendência na contemporaneidade. Além disso, acredita-se que desenvolver esse trabalho seja relevante na construção do conhecimento sobre os principais elementos que compõem esse novo estilo de vida.

2. O FEMINISMO E SUA EXPANSÃO NA MODERNIDADE

Diz-se feminismo para todas as correntes de pensamento que se ocuparam dos direitos das mulheres e que surgiram, sobretudo, no século XVIII no período iluminista. A existência intelectual de certas mulheres já fora afirmada e reconhecida, mas é apenas no Iluminismo que aparecem textos de feministas como Olympe de Gouges, na França, e Mary Wollstonecraft, na Inglaterra (TIBURI, 2010). Embora essas autoras afirmem que as ideias transformadoras da Revolução Francesa e da Americana não tenham contemplado as mulheres, Costa (2005) assegura que, como movimento político o feminismo traz para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado. Para Carole Pateman, o movimento feminista

[...] chamou a atenção das mulheres sobre a maneira como somos levadas a contemplar a vida social em termos pessoais, como se tratasse de uma questão de capacidade ou de sorte individual [...] As feministas fizeram finca-pé em mostrar como as circunstâncias pessoais estão estruturadas por fatores públicos, por leis sobre a violação e o aborto, pelo status de “esposa”, por políticas relativas ao cuidado das crianças, pela definição de subsídios próprios do estado de bem-estar e pela divisão sexual do trabalho no lar e fora dele (PATEMAN, 1996, p. 47).

Torna-se evidente que o movimento feminista, apesar de se inserir no movimento mais amplo de mulheres, distingue-se por defender os interesses de gênero das mulheres, por questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir dos papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres, pela definição da sua autonomia em relação a outros movimentos, organizações e ao Estado. No Brasil, o ano 1960 marca o início do movimento feminista, que ganha destaque e notoriedade a partir de 1970.

Miriam Goldenberg (2003) defende que não há como ignorar o impacto do feminismo em diversas áreas da vida social: seja na família, conduzindo as situações domésticas e profissionais; seja em órgãos públicos e privados, exercendo cargos de chefia e confiança; seja em diversos setores, contribuindo com o avanço do país; e principalmente na política, exercendo cargos em todos os poderes públicos. Segundo a autora,

O final da década de 60 e início da década de 70 são marcos fundamentais nas transformações dos papéis femininos e masculinos na sociedade brasileira. O movimento feminista, que estava sendo organizado na Europa e nos Estados Unidos, começou a repercutir no Brasil. Os jornais, as revistas, o cinema, o teatro e a televisão passaram a dar espaço para as

reivindicações das mulheres. O denominador comum das lutas feministas foi o questionamento da divisão tradicional dos papéis sociais, com a recusa da visão da mulher como o “segundo sexo” ou o “sexo frágil”, cujo principal papel é o de “esposa-mãe”. As feministas reivindicavam a condição de sujeito de seu próprio corpo, buscando um espaço próprio de atuação profissional e política (GOLDENBERG,2003, p. 2-3).

O efeito é perceptível não apenas na vida das mulheres, em diversas partes do mundo, mas também na produção do conhecimento, incluindo as ciências sociais. No plano acadêmico, teóricos renomados concedem ao feminismo o estatuto de a maior revolução do século XX. Esta afirmação encontra ressonância em autores distintos, entre eles, Manuel Castells e Anthony Giddens.

Mulheres, como Simone de Beauvoir, que protagonizam causas femininas e que comparecem na cena pública para reivindicar questões que lhes dizem respeito e para colocar em pauta a necessária discussão de gênero, possibilitaram muitos avanços nesse sentido conforme afirmam Bragança Pedro e Souza Guedes (2010). Um grande avanço é, sem dúvida, a construção e afirmação do próprio conceito de gênero. Sendo assim, a luta das mulheres está na libertação das amarras de um senso moral construído pela cultura machista, cristalizada durante séculos. Não é apenas na igualdade econômica e política que as mulheres conquistam seu espaço, mas também na construção de uma sociedade livre de relações preconceituosas e discriminações.

No Brasil, segundo Goldenberg (2003), o movimento feminista apresenta traços peculiares de vital importância que podem ser explicados pela formação histórica e pela dependência dos blocos hegemônicos, aos quais o país foi subordinado desde a colonização. Para esta autora, os colonizadores trouxeram consigo o modelo patriarcal de família e a Igreja Católica como força política e instrumento de controle social, tendo como resultado o patriarcalismo e o conservadorismo da sociedade brasileira. Vale então destacar momentos que fizeram a história do país no que tange ao feminismo como um movimento de lutas e reivindicações.

Segundo Jardim Pinto (2003), foi a partir da década de 60 que foram iniciadas, no Brasil, as primeiras manifestações feministas, historicamente, sufocadas pela ditadura. Os anos 70 marcaram uma reviravolta no movimento feminista pautado pela questão da relação homem-mulher e pela necessidade de reformulação dos padrões sexuais vigentes. A partir de então, ocorreram diversos fóruns de discussões em âmbito internacional, que viabilizaram maior abertura do tema e seus processos de redemocratização. Entre os eventos que marcaram a entrada definitiva das mulheres e das questões por elas levantadas,

na esfera pública, destaca-se o Ano Internacional da Mulher, em 1975, decretado pela Organização das Nações Unidas.

Com a Constituição de 1988, algumas conquistas foram alcançadas no âmbito feminino pela formalização da equidade de gênero prevista em lei, que, nos termos da constituição, dispõe que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. A partir de então a mulher passa a ser igual ao homem perante a lei, o que não se mostra tão eficaz na prática. É o que diz a Constituição de 1988:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;
XLI – a lei punirá qualquer discriminação atentatória aos direitos e liberdades fundamentais;

Jardim Pinto (2003) afirma que o movimento feminista da época conseguiu aprovar grande parte de suas demandas, através de uma ação direta de convencimento dos parlamentares, que ficou identificado na imprensa como o “lobby do batom”. Segundo a autora, esse movimento – lobby do batom – levou à aprovação 80% das reivindicações das mulheres naquela época, ressaltando que as demandas se concentravam em saúde e violência.

Vale destacar que em 1993 foi criada a Declaração sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher, que deu fim à dicotomia entre a esfera pública e privada, já que protege a mulher nas duas esferas, e enfatizou a importância dos Estados-membros de condenarem e eliminarem a violência contra a mulher. Ainda em 1993, a Declaração e Programa de Ação de Viena e, em 1995, a Declaração e Plataforma de Ação de Pequim enfatizaram que os direitos das mulheres são parte inalienável, integral e indivisível dos direitos humanos universais. Foi neste contexto, que, em 1994, foi criada a Convenção de Belém do Pará, mais conhecida como Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, nome este que já revela seu objetivo.

Segundo Bragança Pedro e Souza Guedes (2010), a criação, em 2003, da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres (SPM) possibilitou também um avanço muito grande para a luta feminista. Em 2006, foi sancionada a lei Maria da Penha, mais uma conquista de grande relevância em um país onde, segundo uma pesquisa realizada pela Fundação

Perseu Abramo em 2001, 43% das mulheres já sofreram ou sofrem algum tipo de violência (BRAGANÇA e GUEDES, 2010). A criação da Lei Maria da Penha (11.240/06) possibilitou o esclarecimento perante a definição do que seria violência. Até então, entendia-se por violência apenas agressões que deixassem marcas visíveis como hematomas ou feridas. Mas esta lei vem sendo atualizada.

O movimento feminista continuou, a sociedade se articulou e a mulher foi aos poucos conquistando seu espaço, mas acumulando trabalho dentro e fora do lar. Vale destacar que as leis no Brasil foram, ao longo das lutas nas últimas décadas do século XX, se modificando para acompanhar as mudanças ocorridas no modo de vida da sociedade e, em especial, foram aos poucos ajudando a modificar a ordem até então em vigor, que primava pelo patriarcalismo, submissão feminina e pela primazia da família oficializada. Embora tenha havido mudanças, a mulher ainda não conseguiu superar totalmente o patriarcalismo e a centralidade da família. Os divórcios e as separações surgiram como alternativas para um novo estilo de vida ou novos relacionamentos. E as subjetividades ganham novas configurações, refletidas no modo como os atores sociais se adaptam ao meio e “como constroem uma nova identidade” (CASTELLS, 2008).

Ressalta-se que, nesse contexto, parece surgir como opção a possibilidade de a mulher permanecer solteira. Hoje a mulher tem acesso a uma educação igual à do homem, a bons empregos e não se sente desconfortável em exercer uma profissão, ao contrário, investe cada vez mais em uma carreira profissional. De modo geral, “a educação escolar abriu portas para as mulheres adentrarem o mundo público”, ampliando-lhes tanto oportunidades de letramento como de profissionalização (GONÇALVES, 2007).

Assim, o casamento não se configura para ela como a única possibilidade de ser feliz e de se sustentar financeiramente. Além disso, a mulher solteira tem cada vez mais a possibilidade de manter uma vida afetivo-sexual ativa, saudável, sem sofrer as punições sociais e a segregação de outrora. É essa mulher que se constitui como um novo sujeito social. A escolha individual compõe os fatores que levam à solteirice na contemporaneidade.

3. A FRAGILIDADE DOS RELACIONAMENTOS AFETIVOS NA CONTEMPORANEIDADE

Neste período global que estamos vivendo, termos e conceitos como “modernidade líquida” (BAUMAN, 2004), “modernidade reflexiva” (GIDDENS 1991), “pós-modernidade” (GIDDENS, 1991; VAITSMAN, 1994) vêm sendo utilizados para se referir às importantes rupturas nos diversos aspectos que caracterizam a modernidade, marcando o quanto as transformações, nos mais diferentes setores, têm sido importantes, velozes e radicais. Segundo Andrade (2007), muitos destes conceitos e características fazem parte dos modos de viver em sociedades urbano-industriais ocidentais. A diferença é que agora estes modelos convivem com outros, mais novos e transitórios. Essa autora se refere ao processo acelerado da informatização que vem ocorrendo na contemporaneidade, como “sociedade em rede” ou “era da informação” (CASTELLS, 2008). Algumas metáforas também falam desse período como “líquido” e “fluido”, que se contrapõem ao termo “sólido”, características que enfatizam a mobilidade, que é própria da contemporaneidade (BAUMAN, 2004).

Dando continuidade a esse pensamento, constata-se que, neste contexto, são inaugurados novos formatos para os laços emocionais diante da fragilidade em que jazem as relações. Bauman (2004) afirma que os vínculos humanos vêm se deteriorando gradativamente e predicados como efêmero e transitório se tornaram peculiares aos relacionamentos contemporâneos traduzidos como amores líquidos, sem compromisso, de pouca duração e “infinito enquanto dure”. É a “modernidade líquida”, que não se enraíza, que é volátil e não leva em conta a longa duração dos laços humanos. Segundo o autor, “relacionamento” é o assunto mais quente do momento e, aparentemente, o único jogo que vale a pena, mesmo que sejam óbvios os riscos. Mas ainda que as uniões hodiernas sejam frágeis e fugazes não significa que os ideais de uma união estável, sentimental e duradoura tenham sido dissipados. Essas possibilidades, trazidas tanto pelo excesso quanto pela moderação, caminham juntas. Nestes termos,

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos... [...] homens e mulheres, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por relacionar-se. E, no entanto, desconfiados da condição de “estar ligado”, em particular de estar ligado

“permanentemente”, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar... [...] Oscilam entre o sonho e o pesadelo e não há como determinar quando um se transforma no outro (BAUMAN, 2004, p. 8).

O autor atribui esse paradoxo ao fato de hoje homens e mulheres terem oportunidade de vivenciar inúmeros “amores”. Ambos esperam envolver-se profundamente e hesitam “entregar-se” e, assim “fechar-se” às outras possibilidades. Assim, é concomitante o desejo de estreitar laços e mantê-los frouxos, pois os indivíduos anseiam por uma relação intensa, mas com o mínimo de compromisso. Estar junto de alguém e não estabelecer relações duradouras marca a ambivalência das relações contemporâneas. Tal ambivalência resulta principalmente da instabilidade que impera na modernidade líquida, época de incertezas e inseguranças provenientes do risco que poderá trazer um novo relacionamento. Tal risco se refere às áreas da vida, a exemplo da família e do casamento, que têm se tornado cada vez mais instáveis e sem regras predefinidas, como aponta Castells (2008). Bauman (2004), ao dissecar os líquidos relacionamentos modernos, evidencia que a interação entre homens e mulheres reflete uma ordem social pautada por riscos socialmente produzidos.

Vale destacar que os relacionamentos em geral estão sendo tratados como mercadorias. Hoje em dia, os automóveis, computadores ou telefones celulares em bom estado e funcionamento são trocados como um monte de lixo no momento em que aparecem versões mais atualizadas. Isso acontece com os relacionamentos: não gostou, pode trocar. Esse tipo de relacionamento se aproxima do que o autor chama de “relações de bolso” – denominadas assim por serem de curta duração – do tipo que se pode usar e dispor quando for necessário e depois tornar a guardar para ser utilizado numa outra ocasião. Segundo Bauman (2004), “uma relação de bolso é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade” (p. 36).

Deste modo, a sociedade atual – a modernidade líquida – está criando uma nova ética de relacionamentos cada vez mais fragilizados. São os avanços tecnológicos entre outros fatores que influenciam o ser humano em suas relações de uma maneira geral e essa nova forma de amor representa, justamente, a fragilidade dos laços humanos, a flexibilidade com que são substituídos. A sociedade atual é marcada pela insegurança. Para se sentirem seguras, as pessoas preferem se “encontrar” pela internet, assim, quando

quiserem, podem apagar o que haviam escrito, ou simplesmente “deletar” um contato e facilmente dizer “adeus”. Segundo Zigmunt Bauman (2004), na contemporaneidade, as relações em “rede” tornam-se mais atrativas pela facilidade que oferecem para serem tecidas ou desfeitas. Para ele, a dinâmica do mundo virtual induz as pessoas a substituir as parcerias pelas redes. Uma rede serve tanto para conectar quanto para desconectar, enquanto as demais expressões ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que excluem ou omitem a falta de compromisso. Nas redes, conectar ou desconectar são escolhas igualmente legítimas, que gozam do mesmo status e têm a mesma importância. As conexões são estabelecidas e cortadas por escolhas.

Por outro lado, entre escolhas e descartes dos vínculos humanos, Bauman estabelece um diálogo com o pensador inglês Anthony Giddens (1993) quanto ao “relacionamento puro”, sendo uma de suas categorias expressas em “A transformação da intimidade”. Vale lembrar que uma nova forma de amor que vem surgindo na contemporaneidade está pautada no relacionamento puro que tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, na qual se entra “pelo que cada um pode ganhar” e permanece enquanto puder dar e receber satisfações. Segundo Giddens (1993), o atual “relacionamento puro” não é

como foi um dia o casamento, uma “condição natural” cuja durabilidade pode ser assumida como certa, exceto em algumas circunstâncias extremas. Uma característica do relacionamento puro é que ele pode ser terminado, mais ou menos à vontade, por qualquer dos parceiros em qualquer momento particular. Para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, é necessário o compromisso; mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a sofrer muito no futuro, no caso do relacionamento vir a se dissolver (GIDDENS, 1993, p. 152).

Nas palavras de Bauman (2004), o compromisso com outra pessoa ou com outras pessoas, em particular o compromisso incondicional e certamente aquele do tipo “até que a morte nos separe”, na alegria e na tristeza, na riqueza ou na pobreza, pode ser uma armadilha que se deve evitar a todo custo. Sendo assim, parcerias frouxas e eminentemente revogáveis estão substituindo o modelo da união pessoal. A essa forma de amor e aos relacionamentos íntimos da maneira como eles aparecem na modernidade, Bauman (2004) deu o nome de “amor líquido” por acreditar ser predominante na sociedade, prezando o não compromisso, a mudança frequente de parceiros, a instantaneidade das relações. Para ele, “amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível” (p.21).

De acordo com Bauman (2004) e Giddens (1993), os relacionamentos amorosos surgem e desaparecem, trazendo a marca da contemporaneidade, ou seja, a fragilidade dos vínculos afetivos, o amor sem compromisso, as relações de bolso e o amor líquido. Em meio a essas transformações, a mulher precisa vencer barreiras para se constituir como um sujeito que busca sua individualidade subjetiva. Para Matos (2000) a grande renovação dos vínculos amorosos está, na modernidade tardia, nos casais heterossexuais que procuram outras formas de relações como moradias separadas, parceiros/as extraconjugais, mulheres como chefes de família.

4. NOVOS ARRANJOS FAMILIARES E A MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

Os movimentos sociais de caráter emancipatório, com destaque para o movimento feminista, propiciaram, entre outros aspectos, a igualdade de direitos entre os sexos e contribuíram sobremaneira para escolhas mais livres e relações amorosas mais igualitárias, como afirma Giddens (1993), ao se referir ao “relacionamento puro” no qual a continuidade da relação vai depender do nível de satisfação dos pares. Nesse contexto de transformações, associadas a certos valores dominantes nas sociedades contemporâneas, o casamento deixa de ser um fim em si mesmo e passa a ser uma escolha tanto para homens quanto para mulheres. Partindo desse pressuposto, a opção pelo não casamento é uma tendência que não está relacionada à crise de relações conjugais, mas a um novo estilo de vida.

Segundo Gonçalves (2007), vários estudos vêm demonstrando que atualmente as mulheres solteiras compõem uma boa parte da sociedade e que essas pessoas “sós” constituem uma nova categoria social, confirmando a tendência de uma nova identidade. Para essa autora, a mídia sinaliza um modo de viver temporário, voluntário, como uma opção que está ligada à ideia de autonomia e independência, apostando na descrição da solteira, ora como caçadora implacável, ora como alguém que, decididamente, não está preocupada com o fato de não ter um marido, um companheiro, contrapondo-se à noção de “solteirona”, “encalhada”, que não consegue se casar.

Sendo assim, “estar solteira” ou “ser solteira” nestes novos tempos carrega significados diferentes. Vale, então, recorrer aos estudiosos da Língua Portuguesa, e também às redes sociais Facebook, Orkut e Twitter – os mais populares no Brasil – para melhor definir esses termos que já se tornaram recorrentes entre os usuários. “Estar solteira” remete a um estágio provisório, isto é, estar aberta a novos relacionamentos ou mesmo para dizer que vai *dar um tempo* e que no momento prefere ficar sozinha. “Ser solteira” significa tão somente que a mulher optou por não se casar.

Berquó (1989) defende que o movimento feminista pela conquista de direitos iguais deu início a um período em que a luta por autorrealização se inscreve no campo da competição entre os sexos. Este enfrentamento tem a ver com as decisões relativas à entrada e saída das uniões conjugais. Estas mulheres, nestes tempos modernos, desafiam os padrões de relacionamento, assumem novas formas de conjugalidade e se impõem perante a sociedade. Quando optam por viver sem o seu par, elas o fazem com segurança, exercem

o seu direito de escolha, construindo para si um novo estilo de vida, buscando novas subjetividades. A mídia refere-se a elas como as novas solteiras.

Vale destacar que as novas solteiras compõem o segmento de mulheres urbanas, morando sozinhas com ou sem filhos. A maioria delas vive na região Sudeste, mais precisamente, nas capitais São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Jornais e revistas de grande circulação descrevem-nas como representantes da classe média e alta, independentes economicamente, consumidoras e liberadas. Algumas matérias parecem caracterizar a solidão feminina como ausência de parceiros, mas, ao mesmo tempo, destacam o desinteresse de mulheres descasadas em se casar novamente. Sendo assim, de acordo com a matéria do jornal Estado de Minas:

Diferentemente das gerações anteriores, as atuais representantes do sexo feminino acima de 50 anos não ficam apenas em casa, cuidando dos filhos e das tarefas domésticas. Solteiras, viúvas, divorciadas ou separadas estão em paz com o espelho, têm carreira profissional ativa, viajam, paqueram e namoram. Decididas a não assumir uma vida a dois sob o mesmo teto, admitem que a falta de um companheiro não lhes impede de serem felizes. [...] Em resumo, aproveitam a vida. Conseguiram superar as dificuldades em um país que valoriza mais a juventude do que a maturidade (LOPES, 2011).

Para as mulheres desta matéria, a ideia de que é preciso ter um companheiro para ser feliz há muito ficou para trás. Mas é importante lembrar que algumas matérias que utilizam a expressão “pessoas sozinhas” associam o fato de alguém morar só à solidão. Ao focar os domicílios unipessoais e as “solteiras”, um dos focos das narrativas da mídia escrita tem sido a problemática da “solidão feminina” nas grandes cidades. A solidão feminina, caracterizada como ausência de um parceiro, é um tema recorrente na mídia. É comum essa polêmica entre o estar só e a solidão. Mas cada um de nós, em alguns momentos ou em alguma etapa da vida, pode estar só.

Retomando o pensamento de Berquó (1989) ao se referir às novas formas conjugais, há de se destacar que as pessoas solteiras, principalmente as mulheres, buscam sua autorrealização em novos relacionamentos, ainda que passageiros, frágeis, sem compromisso, como o “ficar”, o “morar junto” ou o casamento em casas separadas, entre outras configurações. Essa é uma tendência entre as pessoas solteiras que, na contemporaneidade, se veem livres das amarras de modelos tradicionais e constroem suas escolhas, seus estilos de vida. Por isso,

[...] a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, a liberação sexual, a fragilidade cada vez maior das uniões, o individualismo acentuado, etc., são tendências que vêm atuando no sentido de alterar o tamanho, a estrutura e a função da família (BERQUÓ, 1989, p. 1).

Para a autora citada, a fragilidade das estruturas familiares e o intenso individualismo são tendências da modernidade líquida. E como afirma também o sociólogo Bauman (2004), “parcerias frouxas e eminentemente revogáveis substituíram o modelo da união pessoal ‘até que a morte nos separe’”. Sendo assim, a mulher solteira, como um novo ator social, caminha paralelamente ao processo de individualização, o que caracteriza a constituição de novas subjetividades. Sua preferência por relacionamentos fluidos e voláteis remete a uma sensação de leveza e descompromisso, muitas vezes associada à liberdade individual.

Segundo Gonçalves (2007), o estar solteira, na mídia, é visto com mais simpatia quando percebido como um momento transitório de investimento pessoal, e o casamento, como um sonho idealizado. A autora revela em seus estudos que as matérias sobre as “novas solteiras”, terminologia muito usada pelos jornalistas, parecem contestar a imagem estereotipada da “solteira do passado”, inovando na descrição das mulheres desacompanhadas (de parceiros homens) por meio de polarizações contrastivas. Elas agora seriam independentes, estudadas, bem-sucedidas, elegantes e com intensa vida social. Assim, continua a autora, essas “novas solteiras” estariam colhendo os frutos das conquistas da revolução feminina e feminista e suas falas conferem positividade à “solteirice”. Morar sozinha, por exemplo, constitui também uma de suas conquistas nesta contemporaneidade.

Há um tempo, uma pessoa que morasse sozinha era considerada meio extravagante. Alguns diriam ser ela uma fracassada, não deu certo na vida; outros, que é individualista e excêntrica. Hoje as coisas vêm mudando. Morar só é uma escolha para determinadas classes sociais, principalmente neste cenário da modernidade.

Morar só é um estilo de vida, podendo ser a conquista da independência. Tanto o homem quanto a mulher buscam a liberdade. Elementos de ordem econômica, profissional, afetiva e familiar ajudam a compreender os sentidos atribuídos ao morar só. O aumento da escolaridade das mulheres, sua independência financeira, aumento da longevidade e uma série de outros fatores estariam contribuindo para a conformação destes novos cenários.

Castells (2008) aponta para a diversidade com que famílias e lares se constituem na contemporaneidade. Segundo esse autor, diversos dados sinalizam mudanças significativas, como a diminuição no número de membros e o aumento de lares monoparentais (constituídos por filhos e um dos pais) e unipessoais (formados por uma pessoa), principalmente nos países desenvolvidos, ganhando visibilidade as pessoas solteiras também aqui no Brasil, segundo dados do censo de 2010.

São estas transformações que configuram um novo estilo de vida. Giddens (1991) privilegia a análise dos estilos de vida na alta modernidade como um processo que confere uma autoidentidade. Sua análise dialoga com as teorias de Pierre Bourdieu (2008, 2010), sobretudo no que diz respeito ao seu conceito de *habitus*. Bourdieu define estilo de vida como “gosto” ou “preferências sistemáticas” – sistemas que correspondem às diferentes posições no espaço social. Para ele,

O *habitus* é, com efeito, princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principio divisionis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2008, p. 162).

Na concepção de Bourdieu (2008, 2010), estilo de vida é essencialmente “um princípio altamente distintivo de classificação social”. Para ele, o mundo social é feito de *habitus*. O gosto ou as preferências manifestadas através das práticas de consumo estão associados a uma classe ou a uma fração de classe. O “gosto de necessidade ou gosto de luxo” é que comanda as práticas, como a das “escolhas”. Tais preferências têm o poder de unir todos aqueles que são o produto de condições semelhantes, distinguindo-os daqueles que estão fora do campo socialmente instituído das semelhanças. É nesses espaços sociais que é gerada a vida das pessoas. O estilo pessoal de cada um pode ser compreendido como “variantes estruturais do *habitus*” em relação à classe, à família, a uma época.

Dessa forma, a sociedade contemporânea permite aos sujeitos fazer suas escolhas, adotar um estilo de vida que lhes dê mais prazer, que vai ao encontro de suas necessidades, sugerindo um desaparecimento de “divisões e hierarquias sociais”, ainda que em uma época marcada pelo consumo. Consumo que, segundo Bourdieu (2008), estabelece um sistema de diferenças, de posições diferenciais, ou seja, a identidade social define-se e afirma-se na diferença. Nesse contexto, o impacto das mudanças nas relações de trabalho e

na emergência das mulheres como um grupo de consumidoras para as quais “preferência” ou o gosto pela liberdade, independência, bem-estar, autonomia etc. são uma novidade histórica que modifica as relações sociais mais amplas.

Sair da casa dos pais, vivenciar inúmeros amores mesmo que “líquidos”, morar sozinha, manter-se por conta própria vem se tornando um fato, somado a outros de ordem subjetiva, como o desejo de individualidade. Sua entrada no mercado de trabalho constitui, então, uma emergência e transformações. Cabe observar que a decisão de morar só pode estar relacionada, ou mesmo subordinada à ascensão ou à estabilidade na carreira profissional.

No entanto, todos esses fatores mobilizam segundo Gonçalves (2007), uma série de questões sobre as solteiras, as pessoas que moram sozinhas e a solidão. Torna-se recorrente certa confusão de sentido em matérias que tratam das pessoas sozinhas, referindo-se, sem distinção, às solteiras (estado civil), às que moram sozinhas e às sem par. Para a autora, esta ambivalência ilustra o modo como se compreende a fusão das situações – a solidão das pessoas que moram sozinhas e a solidão de quem vive sem o seu par ou “solteiras”. Para ela, as razões que levam a entender a “solidão” das mulheres sem par nem sempre são as mesmas para se entender o morar só como estilo de vida. É importante ressaltar que existe uma tendência de crescimento das pessoas que moram sozinhas, tanto homens quanto mulheres, e isso pode ser verificado em publicações recentes na mídia e nos dados do censo 2010. A busca de um novo modo de vida, de afirmação, conjugado com as “escolhas”, como informa Miriam Goldenberg, permite dizer que:

As pessoas querem ter a sua casa, a sua independência. Esse é um conceito que cada vez mais vem sendo valorizado no país. A tendência é que com o maior desenvolvimento da economia brasileira, a população procure cada vez mais morar só, como já ocorre muito nos Estados Unidos e na Europa (GOLDENBERG, 2005 *apud* GONÇALVES, 2007, p. 60).

Fica evidente que o desejo de individualidade e independência está vinculado à ideia de “morar só”, o que não caracteriza uma espécie de isolamento da vida social, uma vez que se trata de personagens sociáveis e abertos a relacionamentos diversificados, desde que prazerosos. Sendo assim, o morar só como estilo de vida é uma maneira de “pensar o mundo”, de fazer escolhas, de reverter a ordem. Trata-se de uma decisão voluntária que faz a diferença. Para Gonçalves (2007), as marcas deste estilo de vida, mais características na vida urbana contemporânea, estão no desejo pela liberdade, individualidade e privacidade do sujeito. Segundo Giddens,

a escolha significa a avaliação dos limites da pessoa e dos constrangimentos a que ela está sujeita: é assim que se avaliam as possibilidades. [...] Ficou claro que a escolha reflete-se diretamente sobre a natureza do eu. O que uma pessoa deseja ajuda a definir quem essa pessoa é; e encontrar uma autoidentidade firme é fundamental para a identificação das carências. “Pode haver milhares de pequenas escolhas em um só dia. Todas elas são importantes.” Mas algumas são mais importantes que outras (GIDDENS, 1993, p. 103-104).

Para o autor supracitado, a escolha é uma possibilidade de autoavaliação. Significa que em meio a decisões e escolhas como o morar só, a pessoa encontra sua identidade. É importante ressaltar que muitos estudos retratam pessoas morando sozinhas como uma “condição” mais ou menos contingente das grandes cidades. Segundo Castells (2008), os lares de solteiros e os habitados por apenas um dos pais proliferam. São os lares unipessoais e monoparentais. Pode-se dizer que são significativas as transformações na sociedade contemporânea no que se refere ao que chamam de “outros lares” ou “novas formas de família”.

Autores sustentam que é nos grandes centros urbanos que se misturam os múltiplos e variados modos de viver a vida, que os vínculos são mais societários e menos comunitários. Para Simmel (1971), os círculos sociais mais amplos – as cidades, as capitais, o país – encorajam a liberdade individual, já os menores – comunidades, pequenos grupos, o interior – a restringem.

Tomando o conceito tradicional de família, talvez seja possível dizer que ele não se enquadra nas novas representações presentes na sociedade brasileira. Segundo Goldenberg (2003), a família perdeu muitas de suas funções e talvez tenha adquirido outras. Para Lévi-Strauss (1972), entende-se por família uma união mais ou menos duradoura, socialmente aprovada, entre um homem, uma mulher e seus filhos, fenômeno que estaria presente em todo e qualquer tipo de sociedade.

Segundo Toscano e Goldenberg (1992), ao se pensar sobre as mudanças nas famílias brasileiras, deve-se reconhecer a importância do movimento feminista também em nosso país. Nas últimas décadas, as transformações dos papéis e comportamentos femininos contribuíram sobremaneira para que as mulheres brasileiras assumissem novos espaços no mundo público, tanto no mundo profissional quanto no político, e questionassem seus relacionamentos afetivo-sexuais, o modelo tradicional de família e de casamento. Nestes termos,

O questionamento da família tradicional e as relações conflitantes entre homens e mulheres proporcionaram uma abertura para explorar novas formas de relacionamentos pessoais, inclusive novas formas de vida familiar [...] A liberação sexual, sem limites institucionais, - como afirmação da própria personalidade e nos experimentos com a sexualidade e o amor - tornou-se a nova fronteira da auto-expressão (CASTELLS, 2008, p. 172).

Para o autor, a transformação dos valores sociais, ocorrida nas últimas décadas em quase todas as sociedades, estimula novas formas de relacionamento, inclusive no que se refere a novas formas de vida familiar. Portanto, pensar nas transformações que vêm ocorrendo nos últimos tempos é também considerar que tais mudanças sejam capazes de alterar o modo como as relações entre os sexos se processam. Para o autor, o processo que sintetiza e unifica essa transformação é a eliminação da família patriarcal. Sendo assim,

A família patriarcal, base fundamental do patriarcalismo, vem sendo contestada neste fim de milênio pelos processos, inseparáveis, de transformação do trabalho feminino e da conscientização da mulher. As forças propulsoras desses processos são o crescimento de uma economia informacional global, mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie e o impulso poderoso promovido pelas lutas da mulher e por um movimento feminista, três tendências observadas a partir do final da década de 1960 (CASTELLS, 2008, p. 170).

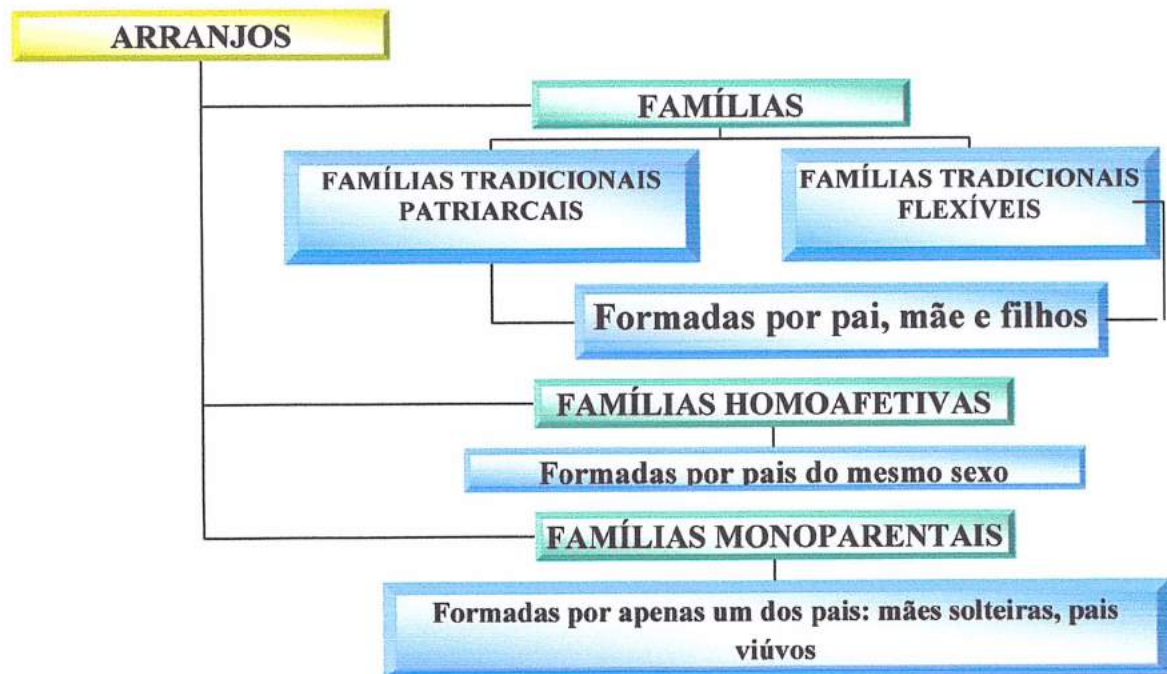
O autor analisa a crise do patriarcado, entendido como enfraquecimento de um modelo de família com base na autoridade/dominação contínua exercida pelo homem, como cabeça do casal, sobre a família inteira. Sendo assim, em meio a novos valores sociais, a família patriarcal, estudada por Freyre (2006), que se afirmou no contexto rural, se descaracteriza com o surgimento de novos modelos de comportamento que regulam relações entre os sexos e as relações de parentesco. Castells (2008) assegura que, na década de 90, essa crise nos modelos patriarcais, antes tão estáveis, é induzida por indicadores em quase todas as sociedades, principalmente nos países mais desenvolvidos.

Para ele, a dissolução dos lares por meio de divórcio e separação dos casais constitui o primeiro indicador de insatisfação com um modelo familiar calcado no comprometimento duradouro de seus membros. A consequência disso é a formação de lares de solteiros ou lares com apenas um dos pais. Outro indicador, segundo esse mesmo autor, é a crescente frequência com que as crises matrimoniais acontecem, associando-se a outras tendências importantes como o adiamento da formação de casais e a formação de relacionamentos sem casamento. Pressupõe-se que permanecer solteira ou adiar o casamento pode ser analisado como opção da mulher que vê, nesse contexto de

transformações sociais, uma oportunidade para a constituição de novas subjetividades. Dessa forma, a mulher solteira, como um novo ator social, compõe esses “arranjos familiares” caracterizados como domicílios unipessoais. Giddens (1993), ao se referir à dissolução de lares, assim se manifesta:

Na sociedade da separação e do divórcio, a família nuclear gera uma diversidade de novos laços de parentesco associada, por exemplo, às chamadas famílias recombinadas. Entretanto, a natureza desses laços modifica-se à medida que estão sujeitos a uma negociação maior que a anterior (GIDDENS, 1993, p. 109).

Sendo assim, vale ressaltar, segundo Féres-Carneiro (2011), que, no contexto social contemporâneo, múltiplos arranjos conjugais dos mais tradicionais aos mais modernos se constroem, se desconstruem e se reconstruem em seguida, num ritmo acelerado, o que caracteriza a efemeridade própria dos tempos modernos. Segundo Sorj (2000), a família nuclear moderna desintegrou-se, dando lugar a uma grande diversidade de arranjos singulares. Desse modo, o termo “Família” já não remete especificamente às figuras pai, mãe e filhos, mas a uma diversidade de formas conjugais, conforme o Organograma 1.



Organograma 1 - Arranjos Familiares

Fonte: Miriam Maciel (2011).

O Organograma 1 ilustra bem os novos arranjos familiares que vêm se formando nos últimos tempos. Segundo Maciel (2011), com o fim do patriarcalismo, famílias constituídas dentro da tríade pai, mãe e filhos assumem novas configurações. Entre elas, as tradicionais podem ser consideradas nucleares, sendo que geralmente os papéis de cada membro estão definidos como: pai – provedor material da família; mãe – responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos; e filhos – submissos e obedientes aos pais. Entretanto, há também as famílias que se constituem com base na tríade, mas que são mais flexíveis quanto ao papel de cada membro. Nestas famílias, a mãe pode ser a provedora material, o pai cuidar da casa e dos filhos e ambos se ajudarem mutuamente.

Berquó (1998) aponta para o aumento do número de famílias reconstituídas, as uniões de fato, as famílias monoparentais e as chefiadas por mulheres. Segundo Berquó (1998) e Castells (2008), o crescimento de famílias chefiadas por mulheres, assim como de outras configurações familiares diferentes do modelo tradicional, tem sido vertiginoso nas sociedades ocidentais, cuja organização sociocultural foi tradicionalmente pautada em um modelo patriarcal.

Dando prosseguimento a este estudo, Perucchi e Beirão (2007) afirmam que, no contexto atual das famílias brasileiras, as mulheres vêm ocupando cada vez mais o papel de provedoras do lar, uma posição social que se confirma no país devido ao aumento do número de lares chefiados por mulheres. De acordo com as autoras, esta realidade cada dia mais comum no Brasil caracteriza arranjos familiares que contrariam e contestam modelos tradicionais. O IBGE, através do SIS (Síntese de Indicadores Sociais), mostra que os padrões de formação, dissolução e reconstituição da família se tornam cada vez mais heterogêneos e seus limites, mais ambíguos.

Segundo o SIS 2010, os aumentos das separações conjugais e dos divórcios levaram à formação de novos arranjos familiares. As uniões consensuais aumentaram e, em alguns países, já existe o reconhecimento legal dos casais homossexuais. Ainda segundo o SIS 2010, as mudanças verificadas nos países industrializados quanto ao padrão de organização das famílias vêm se refletindo também no Brasil, sendo que, nas últimas décadas, as tendências mais proeminentes são, sem dúvida, as reduções do tamanho da família e do número de casais com filhos e o crescimento do tipo de família formado por casais sem filhos, resultado dos processos de declínio da fecundidade e do aumento da esperança de vida ao nascer.

Para Gonçalves (2007), os “novos arranjos” são frequentemente vistos como resultado da multiplicação de novos estilos de vida no contexto das transformações sociais

mais recentes e figuram como arranjos “alternativos” no estudo das famílias – ainda definidas majoritariamente pela composição nuclear (pai, mãe e filhos), tipo estatisticamente predominante. Segundo o IBGE (SIS, 2010), no Brasil, 11,5% da população residente em domicílios particulares é composta apenas por uma pessoa (Tabela em anexo). Berquó (1988) aponta para um crescente número de mulheres acima de 45 anos compondo os domicílios unipessoais porque os filhos já saíram de casa e elas raramente voltam a se casar ou são solteiras que nunca se casaram.

Castells (2008) afirma que a tendência de as pessoas se casarem cada vez mais tarde também é quase universal, particularmente importante no caso de mulheres jovens. Segundo o autor, as estatísticas em números percentuais revelam que o número de mulheres solteiras entre 20 e 24 anos tem aumentado desde 1970.

Enfim, sendo o estudo sobre os novos arranjos familiares significativo para a revisão da literatura, torna-se necessário entender esta noção de mulheres solteiras, como também daquelas mulheres economicamente ativas que, muitas vezes, se caracterizam como chefes de domicílios no Brasil contemporâneo. Ainda segundo Castells (2008), trabalho, família e mercados de trabalho passaram por profundas transformações, principalmente no último quarto período do século XX, em virtude da entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho remunerado, quase sempre fora de seus lares. Afirma também que, nos países em desenvolvimento, se percebe, pelas estatísticas, uma tendência de lares em que a mulher é a chefe de família *de jure*.

A inserção da mulher no mercado de trabalho remunerado provocou profundas transformações no mercado, gerando consequências importantes na família. Segundo Castells (2008), uma das consequências é que a contribuição financeira da mulher é decisiva para o orçamento doméstico. Sendo assim, a dominação das mulheres pelos homens como provedores da família ficou terminantemente abalada. Em meio a essas transformações no mercado de trabalho, Hirata (2002) afirma que a divisão sexual do trabalho vem ganhando visibilidade com o aumento da participação feminina na composição da força de trabalho.

Sorj (2000) argumenta que o trabalho é um dos mais importantes determinantes das condições de vida das pessoas. Sendo assim, percebe-se um número crescente de mulheres criando sozinhas os filhos, visto terem assumido o papel de provedoras do lar.

Enfim, estudos empíricos aprofundados e qualitativos poderiam contribuir com respostas para as controvérsias atuais sobre globalização e emprego, bem como possibilitar

uma melhor compreensão das repercussões da globalização sobre a qualidade dos empregos femininos.

5. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1. As cidades como *loci* de pesquisa

Nessa pesquisa, o que norteou todo o trabalho foi procurar compreender como se relacionam profissão e vida pessoal na experiência de mulheres solteiras e independentes das cidades de Viçosa e Senador Firmino, apresentando como foco a mulher solteira por opção. Viçosa e Senador Firmino foram constituídas como *loci* de pesquisa onde o estilo de vida das pessoas, no caso mulheres solteiras, contém uma valoração meio diferenciada.

Para que essa diferenciação fosse evidenciada nesta análise, foi necessário um breve estudo sobre as cidades onde foi feita a pesquisa. Viçosa é uma cidade de Minas Gerais, inaugurada oficialmente em 1911. Localiza-se a aproximadamente 230 km de Belo Horizonte e, de acordo com o censo 2010, sua população chega a 72.244 habitantes e mais 20 mil de população flutuante. Uma de suas características é a longa e permanente convivência com pessoas de várias partes do país e com estrangeiros de todos os continentes em função, principalmente, da Universidade Federal de Viçosa, responsável pelo rápido crescimento e desenvolvimento da cidade. Em Viçosa, encontramos ainda outras instituições privadas de ensino superior, como ESUV, FDV, UNOPAR, acentuando ainda mais seu caráter educacional, o que a deixa sempre em evidência.

Suas ruas são tomadas por estudantes que transitam entre bares e restaurantes, misturando-se com a população nativa. Vale ressaltar que a classe média alta viçosense movimenta os clubes da cidade, além de morar em condomínios fechados, classificados como lugares requintados, finos e distantes do centro. Como ocorre em praticamente todas as cidades, os espaços de lazer – bares, restaurantes, lanchonetes, pizzarias, danceterias – são informalmente classificados e remetem a marcas de classe social. São pontos caracterizados como “popular”, “família”, “convencional” ou “refinado”. A noite viçosense é bem movimentada e os bares ficam abertos até bem tarde, alguns com música ao vivo e dança. Mulheres em grupo frequentando bares e restaurantes compõem uma cena cada vez mais comum.

Viçosa, por ser uma cidade onde o fluxo de pessoas é bastante elevado, tende a favorecer a liberdade individual de seus moradores, induzindo-os a optar pelo estilo de vida que melhor lhes convém - cada um vivendo a sua vida, apesar de não se constituir em uma grande cidade. Segundo Wirth (1976), nas grandes cidades, ideias e práticas irradiam e dão forma a uma nova maneira de viver. Simmel (1971) e Wirth (1976) analisaram as

mudanças operadas nos modos de vida com a intensificação dos processos de urbanização decorrentes da revolução industrial.

Partindo daí, o mundo urbano é descrito como o domínio da objetividade, da racionalidade e do distanciamento, onde as relações têm um caráter instável, transitório, superficial (WHIRT, 1976, p. 101). Quando se olha para a cidade de Viçosa, fica evidente a marca da coexistência de aspectos “modernos” e “tradicionais”. De um lado, a marca dos estilos de vida escolhidos por seus moradores e a individualização própria dos grandes centros urbanos e, do outro, o conservadorismo. É nesse contexto local que vivem as treze mulheres entrevistadas neste trabalho.

Já a cidade de Senador Firmino é relativamente nova, com uma população de 7230 habitantes, segundo o censo 2010. Localiza-se no interior do Estado de Minas Gerais, Zona da Mata, e foi inaugurada, oficialmente, em 01 de janeiro de 1939, com a posse do primeiro prefeito da cidade, Dr. Antero Raimundo Gomes. Está a aproximadamente 312 km da capital e a 58 km de Viçosa.

Como em todas as cidades de pequeno porte, Senador Firmino oferece poucas opções de lazer. O movimento da cidade fica por conta dos bares e restaurantes que nos finais de semana se transformam, oferecendo a seus moradores boas horas de música ao vivo, em geral com músicos nativos. É nestes locais que homens e mulheres, sem a divisão de classe social, se divertem e passam o tempo, num clima de tranquilidade, uma vez que os laços, neste tipo de cidade, são mais comunitários. Destaca-se que mulheres em grupo frequentando esses locais vêm se tornando cada vez mais uma prática comum em Senador Firmino, embora algumas mulheres solteiras ou casadas prefiram o aconchego do lar, numa atitude de se autopreservar.

Vale ressaltar também que a cidade se destaca quanto ao nível cultural de seu povo. A maioria das famílias firminenses estimula seus filhos a estudar e, em consequência, é elevado o número de nativos que têm um curso superior, normalmente concluído nas universidades de Viçosa, Juiz de Fora ou Belo Horizonte.

Pode-se dizer também que Senador Firmino é marcada por uma vida simples, comunitária, com um grau elevado de proximidade entre os moradores e, isso, além de restringir o comportamento das pessoas, influencia em suas decisões e escolhas. Autores como Wirth (1976) e Simmel (1971) afirmam que o mundo interiorano é marcado pela integração, emocionalidade, subjetividade e relações próximas, estáveis e permanentes, e que as cidades menores restringem a liberdade individual das pessoas. Neste contexto local, vivem as dez mulheres entrevistadas para este trabalho.

5.2. Metodologia

A partir de formulações da teoria social, é possível caracterizar o “ser solteira por opção” como um estilo de vida específico na contemporaneidade. Portanto, esse estudo propõe uma comparação entre a trajetória de vida e práticas sociais de mulheres solteiras e independentes residentes em Viçosa e em Senador Firmino. Ambas as cidades são da Zona da Mata Mineira. São vários os fatores que estão implicados nessa caracterização.

Antes de apresentar o grupo de entrevistadas e a discussão sobre estilo de vida, faz-se necessário comentar os procedimentos metodológicos seguidos. O trabalho de campo foi previamente pensado no sentido de superar possíveis barreiras que pudessem ocorrer durante a coleta de dados. Mas tanto em Viçosa como em Senador Firmino, não houve dificuldades no que se refere ao contato com as entrevistadas. Esse contato se valeu de uma rede de informações em que as mulheres, ao tomarem conhecimento da pesquisa, indicavam novas potenciais candidatas à entrevista. Todas foram bastante generosas em relação ao tempo, interesse e disponibilidade. Os encontros aconteceram em dias, horários e lugares distintos, de acordo com a conveniência de cada uma: algumas acolheram a pesquisadora em suas casas ou em seus lugares de trabalho, outras preferiram ir à casa da pesquisadora.

Para essas entrevistas, utilizou-se um gravador para evitar perdas de informação, possibilitando o registro literal e integral, mas nem todas as entrevistadas se sentiram confortáveis com o uso desse material. Algumas delas preferiram que nada fosse gravado e assim foi feito.

Por se tratar de pesquisa qualitativa, que se preocupa com uma realidade que não pode ser quantificada, a abordagem metodológica mais adequada para captar as singularidades do estudo em questão foi a entrevista semiestruturada em profundidade.

A entrevista semiestruturada consta de uma série de perguntas abertas feitas verbalmente em uma ordem prevista, em que o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento. Sendo assim, nesta entrevista, foi adotado um roteiro flexível (em anexo) que possibilitou um contato mais íntimo entre entrevistadora e entrevistada, “favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores” (LAVILLE E DIONNE, 2008, p.189).

Segundo Veiga e Gondin (2001), a entrevista em profundidade tem um caráter subjetivo, o que torna necessário que toda interpretação deve levar em consideração a

perspectiva da pessoa analisada. Sua vida e seu mundo só podem ser entendidos a partir de seus olhos. Assim, um estudo do cotidiano dirige o olhar do pesquisador para uma dimensão, uma família, um grupo social, que pode ser identificado pelas práticas sociais que elabora (Spindola e Santos, 2003).

Foi entre dezembro de 2012 e janeiro de 2013 que as vinte e três entrevistadas foram contatadas a partir dessa rede de indicações e selecionadas mediante os seguintes critérios: 1) morar sozinha há pelo menos cinco anos, independentemente do estado civil anterior – “solteiras”, separadas, divorciadas, viúvas; 2) ter ou não filhos, enfocando apenas a ausência da coabitação do par; 3) ter entre 30-60 anos aproximadamente, permitindo analisar eventuais variações geracionais; 4) residir em Viçosa (MG) ou em Senador Firmino (MG); e 5) pertencerem às camadas médias, definidas sobretudo por escolaridade, renda, local de residência e tipos de redes de sociabilidade. As noções de posição de classe, ao invés de classe social, e a noção de camadas médias foram inspiradas em Bourdieu (2001), em suas análises sobre contextos complexos da vida urbana.

5.3. As entrevistadas e suas falas

O perfil socioeconômico das mulheres selecionadas para esse trabalho chama a atenção por uma singularidade: todas têm vida profissional com carreiras consolidadas ou em ascensão, 16 têm formação superior, quatro têm pós-graduação, sendo três doutoras. Entre elas, três já se aposentaram. Para uma melhor caracterização desse grupo de mulheres, vale destacar que 11 são solteiras que nunca se casaram e 12 são divorciadas, separadas ou viúvas. Algumas começaram a trabalhar na adolescência, conciliando estudo e atividade remunerada e, desde então, parcial ou totalmente, são financeiramente independentes.

As entrevistadas¹ apresentam um relativo grau de homogeneidade em termos da posição de classe, mas diversidade no que tange à profissão. Agatha, por exemplo, saiu de casa com 11 anos e começou a trabalhar em casa de família, depois numa fábrica de doces da cidade e sempre que a situação se complicava, trabalhava em outro setor para complementar-lhe a renda. Conciliando trabalho e estudo, formou-se em Química (licenciatura) e em Artes Plásticas. Atualmente, exerce a atividade como artista plástica. Isadora e Rosália começaram a trabalhar antes dos 18 anos. As demais, após a faculdade.

¹Nesta pesquisa, foram utilizados nomes fictícios como um modo de proteger a identidade das pessoas

Duas das entrevistadas são professoras universitárias com doutorado na área em que atuam; duas são professoras no Ensino Médio em Escola Pública; uma trabalha como secretária de Escola em cargo comissionado; e outra como vice-diretora. Já as outras mulheres entrevistadas atuam nas mais variadas funções: bancárias, professoras particulares, farmacêuticas, arquitetas, secretárias, executivas e consultoras. Algumas delas entraram no serviço público via concurso, uma recorrência em termos de ascensão das mulheres no mundo do trabalho no Brasil, como informa a literatura (BRUSCHINI, 2004; HIRATA, 2002).

A maior parte das entrevistadas é proprietária dos imóveis nos quais residem. O tempo em que moram sozinhas, sem o par, varia de cinco a quinze anos. São mulheres urbanas com ou sem filhos, independentes economicamente e consumidoras. Quanto aos laços afetivos, cada uma tem uma trajetória de relacionamentos mais longos ou mais curtos, variando em termos de número de parceiros ao longo da vida. Casamentos e namoros desfeitos fazem parte da história dessas mulheres que optaram por viver solteiras na contemporaneidade.

As entrevistas – gravadas e transcritas – foram realizadas em uma única etapa, com duração que variava entre vinte e trinta minutos. Conteúdos não gravados, momentos iniciais e finais das entrevistas e observações realizadas durante o processo foram anotados em um diário de campo. Variou muito o modo como cada entrevista foi iniciada.

Partindo da hipótese de que as cidades de médio porte favorecem a individualidade das pessoas e que as de pequeno porte restringem a liberdade dos indivíduos, comparar as trajetórias de vida e práticas sociais das mulheres entrevistadas para esta pesquisa implica levar em conta vários fatores. O primeiro fator a ser considerado diz respeito ao que essas mulheres pensam sobre o que é viver solteira como uma opção de vida na atualidade. A maioria das entrevistadas relaciona essa condição à independência econômica e afetiva, mas cada uma tem um modo peculiar de expressar seu pensamento em relação à independência. O que dá ao grupo certa homogeneidade é a sensação de autonomia simbolizada pela relação com esse “não ter que dar satisfações a ninguém”. É o que se constata nas falas a seguir:

“A mulher faz essa opção porque quer ser independente. Ser independente no sentido de não ter ninguém te podendo. [...] ser livre pra fazer o que quiser, principalmente, em se tratando de dinheiro. O dinheiro é só meu. Se tivesse me casado, eu teria que prestar contas” (ISADORA, 37anos – Senador Firmino).

“... e a questão de estar solteira ajuda muito nisso porque eu posso ir aonde eu quero, eu posso chegar e sair de minha casa quando eu quero, eu posso fazer as coisas se eu quiser na minha casa, se eu quiser fazer almoço, eu faço se quiser almoçar fora, eu almoço. Eu não tenho esse compromisso...” (AGATHA, 43 anos- Senador Firmino)

A minha vida social é igual à de todo mundo, “talvez seja até melhor porque eu viajo mais, não tenho ninguém pra deixar pra trás, não tenho que dar satisfação pra marido, não tenho ninguém que depende de mim. Isso é muito bom.” (MARIA, 47 anos – Senador Firmino)

“... quero dizer que a gente aprende a ser feliz sozinha, a gente consegue sair, consegue se relacionar com as pessoas, sair com os amigos sem ter uma pessoa que vá te ajudar a tomar suas decisões, O que eu compro? O que eu faço?” (ANA LÚCIA, 50 anos – Viçosa)

“É bom ser solteira, gosto de ficar sozinha. Não gosto de ninguém me controlando. Saio pra me divertir, vou a barzinho e adoro dançar.” (MARCELA, 52 anos- Viçosa)

“Eu acho assim, é bom, a gente ser solteira, independente, não ter que ficar dependendo do outro é muito bom.” (JOSÉLIA, 60 anos - Viçosa)

“É uma maravilha. Ser solteira, atualmente, é uma condição muito confortável. Você tem liberdade, direitos de escolha, direito de ir e vir tem liberdade para educar os filhos. A palavra para resumir tudo é autonomia. Hoje você pode ser solteira sem se sentir rejeitada pela sociedade” (ROSÁLIA, 52 anos - Viçosa).

Para essas mulheres, tanto as de Viçosa como as de Senador Firmino, independência significa liberdade de fazer o que quiser, de fazer escolhas, de viver a sua individualidade, de tomar decisões sem interferência de outros. Esse estilo de vida, segundo Giddens (1991), é uma das características da modernidade.

No entanto, as chances de fazer escolhas e de decidir por si mesmas variam de acordo com cada cultura, época e sociedade. Viçosa e Senador Firmino, campos definidos para esta pesquisa, apresentam dados que evidenciam valores diferenciados no modo como as mulheres solteiras por opção vivenciam o seu dia a dia no que tange à vida pessoal. As características utilizadas para demarcar essas diferenças estão nas suas práticas cotidianas.

Tanto Rosália como Denise, Jussara, Maria Eduarda, Marcela, Lúcia, Léia Maria, Letícia, Josélia, Sara, Mirinha e Ana Lúcia, transitando por uma faixa de idade entre 40 e 60 anos, afirmam que viver solteira em Viçosa é muito tranquilo, porque, sendo uma cidade universitária, as pessoas têm a cabeça mais aberta, não veem problema algum, é cada um na sua. Nestes termos:

Muito tranquilo. Por ser uma cidade universitária, as pessoas têm uma cabeça mais aberta. Todos aceitam e respeitam a decisão de ser solteira. (ROSÁLIA, 52 anos)

Aqui em Viçosa, é diferente. Ninguém toma conta de ninguém, é cada um na sua. É mais fácil para uma mulher que decidiu ser solteira viver na cidade maior (MARIA EDUARDA, 40 anos).

Não vejo nenhum problema viver solteira em Viçosa. Não tive dificuldade alguma por ser divorciada. Não sou uma mulher triste, não tenho solidão. Tenho muitos amigos, amigos da Igreja, sou evangélica (JUSSARA, 45 anos).

Em Viçosa, conheço muita gente, posso ir a qualquer local, sozinha, sem problema nenhum. Se sair sozinha, quando chegar a um local, vou sempre encontrar pessoas conhecidas (SARA 58anos).

Não vejo dificuldade alguma. Eu vivo a minha vida. Se tiver que sair, eu saio, eu vou a barezinhos, chego a casa a hora que eu quero. Para a mulher solteira, não vejo nenhum problema em Viçosa (LÉIA MARIA, 59 anos).

Muito tranquilo. Vivo a minha vida com dignidade. Moro sozinha com minhas filhas. Não me preocupo com a opinião dos outros e sei de meus limites. Não sinto que exista um preconceito contra o fato de ser separada e viver assim, as pessoas me respeitam. O que faço não é da conta de ninguém (LÚCIA, 55 anos).

É fácil viver solteira em Viçosa, desde que a gente tenha o emprego da gente. Se a gente não depende do outro financeiramente, é fácil (JOSÉLIA, 60 anos).

Ser solteira em Viçosa, eu acho normal, aqui cada um vive na sua, ninguém se intromete na vida de ninguém, as pessoas não se frequentam, dificilmente você vai à casa de alguém ou alguém vem à sua casa (MIRINHA, 51 anos).

Nos depoimentos dessas mulheres, constata-se que fazer escolhas e tomar decisões por si mesmas são práticas comuns na trajetória de vida de pessoas que vivem em uma cidade de médio porte. O grupo de mulheres entrevistadas, aqui classificadas como solteiras por opção compõem um conjunto formado por sete divorciadas ou separadas, três viúvas e três solteiras, que nunca se casaram. Residindo em Viçosa, elas afirmam ser normal e até tranquilo levar uma vida de solteira, uma vez que, segundo elas, ninguém se intromete na vida do outro e é “cada um na sua”. Dessa forma, a cidade favorece a liberdade individual da mulher que opta por viver só.

Verifica-se que, em Viçosa, cidade de médio porte, esse conjunto de mulheres, sujeitos dessa pesquisa, constrói suas escolhas, seus estilos de vida e vão à busca de uma nova identidade, seguindo assim, em parte, esta tendência dos grandes centros urbanos (Gonçalves, 2007). No entanto, vale ressaltar que Viçosa é marcada pela coexistência de aspectos modernos e tradicionais e que, por isso, na cidade há mulheres solteiras que vivenciam o seu dia a dia, conformando-o, ora com a modernidade, ora com o conservadorismo. Essa ambiguidade pode ser observada, principalmente, no que tange às

relações afetivas. Elas buscam sua individualidade, sua liberdade, mas ainda estão presas às tradições da família e da sociedade. Então, fazer escolhas e tomar decisões são práticas que indicam uma valoração diferenciada: enquanto a maioria das mulheres entrevistadas diz ser tranquilo e normal permanecer solteira em Viçosa, Sâmya, 53anos, separada há mais de 5 anos, revelou um tom de preocupação no que se refere à sua vida de solteira na cidade:

Eu não acho legal não. Eu acho que sou julgada o tempo todo. Talvez seja porque todos me conheçam, eu conheço muita gente, sou nativa, e isso me freia bastante, tudo me inibe (SÂMYA, 53 anos).

Contrastando o espírito individualizador dos grandes centros urbanos, uma característica da modernidade, em oposição ao princípio mais hierarquizado da sociedade tradicional, conforme diz Gonçalves (2007), conclui-se que em Viçosa há ambiguidades, pois ao mesmo tempo em que se amplia uma possibilidade de comportamentos e de estilos de vida, em alguns casos, restringe-se a individualidade das mulheres no caso das solteiras por opção, é o que se percebe na fala de Sâmya. Controlar, frear e inibir decisões e escolhas remete ao pensamento conservador de algumas moradoras de Viçosa

Já as mulheres entrevistadas de Senador Firmino – Luísa Santana, Laura, Maria, Marta, Isadora, Helena, Alice, Filó, Agatha e Regina Castro – têm uma percepção diferente sobre a vida de solteira nesta cidade. Transitando por uma faixa de idade entre 40 e 60 anos, todas afirmam ser uma preocupação estar nesta condição de solteirice. Nesse grupo de mulheres, duas são divorciadas e as outras oito, solteiras. Entre as solteiras, quatro delas têm cada uma um filho. O fato de Senador Firmino ser uma cidade interiorana, segundo as entrevistadas, acaba tolhendo a liberdade individual de seus moradores. As narrativas dessas mulheres acerca de sua própria condição traduzem a realidade, ampliando a compreensão das noções produzidas e reproduzidas socialmente acerca do ser solteira em Senador Firmino. Em seus discursos, são definidas as práticas que regulam seu comportamento e as formas em que é constituída sua própria identidade. Nestes termos:

Eu acho péssimo, não me sinto à vontade. [...] Não sei, os curiosos querem saber com quem estou conversando, o que estou fazendo e não me sinto à vontade. Aqui existe muita limitação para a mulher solteira. A sociedade fica de olho em tudo o que você faz. Acabam me impedindo de fazer uma porção de coisas... [...] Pra eu ser uma mulher “pra cima”, eu teria que sair daqui (LUÍSA SANTANA, 44 anos).

Viver solteira aqui é ruim. Por mais que você seja dona do seu nariz, tem liberdade, a parte ruim é ficar em cidades pequenas. As pessoas julgam a gente o tempo todo, embora eu não ligue para o que elas falem (MARTA, 47 anos).

Tem pessoas que olham pra gente como se fosse um pecado estar solteira. Só eu sou solteira lá em casa. Algumas pessoas têm pena de minha mãe porque eu ainda não me casei. Aqui em Senador, algumas pessoas condenam, principalmente se a moça arruma um filho mesmo sendo solteira. É como se a sociedade é que fosse ajudá-la a cuidar do filho (ISADORA, 37 anos).

Viver solteira aqui é uma preocupação. As pessoas tomam conta da gente. Sabem tudo de todo mundo. Isso, às vezes, obriga a gente ser um pouco mais recatada, mas eu não ligo muito para a opinião dos outros (ALICE, 52 anos).

Viver solteira é igual em qualquer lugar. Depende de cada um. Mas aqui em Senador, há uma cobrança (FILÓ, 54anos).

Aqui todo mundo sabe da vida de todo mundo, a cidade pequena tira um pouco da nossa privacidade. Tem sempre alguém “vigiando a gente”, essa é a impressão que tenho. A gente acaba dando satisfação da própria vida para os outros (REGINA CASTRO, 45anos).

Claro que ser solteira lá (JF) você não está sob os olhos de uma comunidade como numa cidade pequena (HELENA, 48 anos).

No começo, quando me separei, foi extremamente difícil porque a sociedade não estava muito acostumada com esse perfil de mulher. Ficar solteira era feio, era pecado, porque você já tinha sido casada e se separou. Eles não queriam saber os motivos que levaram você a isso. Eles queriam é jogar pedra, atirar pedra em você assim. Então, foi difícil no início, principalmente porque eu tinha filho pequeno... (AGATHA, 43 anos).

As falas dessas mulheres reproduzem uma autonomia conflitante, pois, mesmo sendo elas “donas do próprio nariz” (MARTA), economicamente independentes, ainda se sentem socialmente pressionadas. O julgamento dos outros está sempre presente e, pelos seus depoimentos, entende-se que a sociedade é que impõe o estilo de vida de cada uma delas e “fica de olho em tudo” o que fazem (LUÍSA SANTANA). Simmel (1971) afirma que o mundo interiorano restringe a liberdade individual das pessoas e acaba influenciando suas decisões e escolhas, diferentemente dos grandes centros urbanos, que permitem aos indivíduos uma variedade de comportamentos e estilos de vida. Voltando ao estudo sobre as mulheres solteiras de Viçosa, não se verificou, nesta pesquisa, um olhar controlador, embora a cidade deixe transparecer um pouco de seu conservadorismo.

5.4. O que move estas mulheres?

Neste contexto de mudanças em que as chances de educação e profissionalização se ampliam para as mulheres, é importante conhecer como são feitas certas escolhas no grupo

das entrevistadas. Identificar as motivações que estimulam essas mulheres na escolha pela solteirice e porque decidiram morar sozinhas, ou só com os filhos, constituiu um dos pontos chave para esta análise. Através de suas narrativas, foi possível entender o que move as mulheres desta pesquisa a adotar tal estilo de vida. Elementos de ordem econômica, afetiva e familiar ajudam a compreender os sentidos atribuídos às suas escolhas.

A noção de que os indivíduos podem “escolher” é a base para se pensar em um projeto de vida. E esse projeto pode ser entendido como um investimento em uma trajetória de vida que reprime, anula ou se soma a outras escolhas, como aponta Gonçalves (2007). Morar sozinha é a escolha dessas mulheres. Ana Lúcia e Maria descrevem a casa como um lugar aonde se chega para “ficar sozinhas consigo mesmas”, é o lugar de segurança e da paz onde silêncio e solidão podem ser bem-vindos. Algumas delas possuem agendas apertadíssimas e desejam se afastar do ritmo frenético da vida urbana, recolhendo-se a suas casas em busca de silêncio e sossego:

Moro sozinha, já tive oportunidade de dividir moradia, mas optei por morar sozinha. Quero, quando chegar a casa, ter sossego. [...] eu não me sinto sozinha nem um pouco. Acho que eu já convivo com muita gente o dia todo e quando chego a casa, quero sossego (ANA LÚCIA, 50 anos - Viçosa).

Gosto muito da minha companhia, gosto de ficar sozinha, eu não sou solitária, meu maior prazer é ficar em casa sozinha sem ninguém me amolando, vendo filmes, sou muito caseira. Às vezes me perguntam por que não estou saindo de casa, se estou deprimida, e eu digo que é ao contrário. Hoje eu tenho essa visão, adoro ficar em casa (MARIA, 47 anos - Senador Firmino).

Nessas falas, a casa ilustra a passagem do mundo externo à privacidade do lar. Morar sozinha e ter a própria casa são escolhas ligadas à independência tanto afetiva quanto econômica. As mulheres, sujeitos desta pesquisa, conquistaram a independência através do estudo e do trabalho. É o que se observa nos fragmentos abaixo:

Independência, pra mim, é importante. Desde cedo, quis conquistar a minha independência. Eu sempre quis fugir desse controle de família patriarcal, dominadora e foi o conhecimento adquirido que me deu essa independência. O trabalho me deu a independência (HELENA, 48 anos – Senador Firmino)

Com esse trabalho, construí a minha casa, vivo do meu trabalho, pago faculdade para o meu filho, não tenho ajuda de ninguém e nem preciso. Sou muito organizada em tudo o que faço, principalmente na minha casa (MARTA, 47 anos – Senador Firmino).

Sou autônoma, trabalho em casa, dando aulas particulares há mais de 20 anos. A área de que mais gosto é a Matemática, embora atue em outras áreas de estudo também.

Minha casa parece uma escola. Sustento a minha família com o meu trabalho; meus filhos já são formados. Esse trabalho me dá mobilidade e tomo minhas decisões sem a interferência de ninguém e disso eu me orgulho (ROSÁLIA, 52 anos – Viçosa).

As mulheres entrevistadas de Viçosa ou de Senador Firmino, que moram sozinhas ou com os filhos, ao assumir novas formas de conjugalidade, compõem um novo segmento da sociedade. As 23 mulheres entrevistadas são provedoras do lar, e 17 delas têm filhos. Vivendo sem o seu par, estas mulheres contribuem para a formação de “novos arranjos familiares” (BERQUÓ. 1988). Na busca de novas subjetividades, constroem para si um novo estilo de vida, que já é recorrente nas grandes cidades brasileiras.

Segundo o censo do IBGE de 2010, em relação às famílias, na comparação entre 2000 e 2010, houve um crescimento na proporção de unidades domésticas unipessoais, que passaram de 9,2% para 12,1%. Além disso, verificou-se aumento na proporção de famílias sob responsabilidade exclusiva da mulher: 22,2%, em 2000, contra 37,3% em 2010. Dessa forma, tanto em Viçosa quanto em Senador Firmino, as mulheres que optaram por viver na condição de solteiras e que fazem parte desse estudo se consideram chefes de família. Nestes termos,

A maior alegria da minha vida é a minha filha e também a minha netinha. Sou provedora do lar, chefe da casa. Eu acho isso excelente porque é a minha verdadeira independência. Eu acho prazeroso poder pagar as minhas contas com o produto do meu trabalho (LUIÇA SANTANA, 44 anos – Senador Firmino).

Sou provedora do lar, desde que me separei, a obrigação financeira de meu filho ficou comigo [...] Não sou rica, mas nunca passei dificuldade financeira. Sou independente financeiramente mesmo no tempo em que fui casada. [...] e sempre que a situação se complicava, eu trabalhava em outro setor pra complementar a renda (AGATHA, 43 anos – Senador Firmino).

Trabalho desde os 18 anos e quando me separei continuei trabalhando até porque passei a ser chefe de família. Sou eu que cuido das despesas da minha casa e ajudo na educação da minha filha. O trabalho também me dá independência e autonomia para tocar a minha vida (REGINA CASTRO, 45 anos – Senador Firmino).

Meus pais se preocupam comigo no que se refere à criação de meu filho, mas ao mesmo tempo, percebem que me viro muito bem sozinha (DENISE, 48 anos – Viçosa).

Moro sozinha com meus filhos, trabalho para sustentá-los e dar a eles o conforto necessário. Não dependo nada do meu ex-marido, nem pensão ele paga. Sou responsável por tudo na minha casa (LÚCIA, 55 anos – Viçosa).

Tanto em Viçosa como em Senador Firmino, é comum mulheres assumirem responsabilidades como chefes de família. As mulheres desta pesquisa são

economicamente ativas, trabalham quase sempre fora de seus lares, dos quais são provedoras. Esta é uma tendência que, segundo Castells (2008), se verifica também nos grandes centros urbanos. Para o autor supracitado e Berquó (1998), o crescimento de famílias chefiadas por mulheres assim como de outras configurações diferentes do tradicional tem sido vertiginoso em todas as sociedades ocidentais.

Outra explicação para o fato de estas mulheres optarem por viver solteiras se deve a uma série de fatores como a conquista da revolução feminina, conforme diz Filó, 54 anos, arquiteta:

A mulher está chegando ao ponto certo, a mulher já está conseguindo chegar ao lugar dela, de igualdade pelo menos, no sentido de poder fazer o que quiser, está adquirindo mais autonomia, é mais cidadã (FILÓ, 54 anos – Senador Firmino).

Nesse estudo, verificou-se que tanto as mulheres divorciadas ou separadas como as viúvas, sujeitos desta pesquisa, não investiram num segundo casamento. Em suas falas, apurou-se que “quando se têm filhos, existe o medo de ter alguém, e este alguém interferir na educação deles” (SARA).

No tocante aos relacionamentos afetivos, algumas mulheres têm namorado e estão na relação há 10, 12 anos, como Isadora e Marta, mas não pensam em se casar, preferem permanecer solteiras e manter sua individualidade. As outras, que são solteiras e que também nunca se casaram, não percebem o casamento como um objetivo de vida. É o que afirmam Rosália, Ana Lúcia, Filó e Alice:

Casamento nunca foi meu objetivo de vida e te garanto que não sinto solidão. Meus filhos preenchem minha vida. Sou feliz assim. Se eu não tivesse filhos, não sei dizer como seria a minha vida (ROSÁLIA, 52 anos – Viçosa).

Então foi uma opção minha não me casar. Quando era bem mais nova, aos 20 anos, até pensei na possibilidade, mas eu nunca fui criada pra casar, fui criada pra ser feliz, independentemente da situação (ANA LÚCIA, 50 anos – Viçosa).

Sou solteira por opção mesmo. Nunca pensei em me casar. Achava até esquisito esse negócio de ter que casar. Tive namorados que quiseram se casar comigo. Em 90% dos casamentos é a mulher que dá o primeiro passo. Isso eu jamais faria. O casamento não é uma meta pra mim. (FILÓ, 54 anos – Senador Firmino).

Jamais me imaginei casada com alguém e um dos motivos é que eu não queria de jeito nenhum perder a minha liberdade. Nunca quis ter filho biológico. Optei por ficar solteira, mas nem por isso deixei de namorar (ALICE, 52 anos – Senador Firmino).

Embora o casamento não seja uma meta para as entrevistadas, a análise das narrativas permite observar que elas namoram ou mantêm “relacionamentos sem compromisso”, como afirmou Filó, uma das entrevistadas. Na verdade, elas não estão sempre sozinhas, têm “uns namoricos por aí” (HELENA). Nota-se que a relação é cada um na sua casa sem pensar em casamento. “Namorar é mais” (MARIA) é uma fala recorrente entre elas. Cristina, 48 anos, bioquímica, não quer se casar,

Mas eu quero namorar. Só não quero uma pessoa só pra ficar a tiracolo, pra dizer para as pessoas que estou namorando. A sua felicidade não está ao lado de um homem, mas ele te ajuda a ser mais feliz (LAURA, 48 anos – Senador Firmino).

Outras dizem:

Se eu arrumar um namorado, o relacionamento seria mais aberto e sem o compromisso de um casamento: cada um na sua casa. Isso é que é legal (SÂMIA, 53 anos – Viçosa).

Nunca tive um namorado sério. Tive um pequeno relacionamento, coisa passageira (JOSÉLIA, 60 anos - Viçosa).

Mas eu sempre namorei, namorei muito, tenho meus ficantes, mas eu gosto desse tempinho de não estar namorando. Não sei se vou namorar de novo. Não vou procurar, ele vai surgir na minha vida (LETÍCIA, 50 anos - Viçosa).

Com esses depoimentos, verificou-se que o não casamento tem a ver com os relacionamentos transitórios. Os relacionamentos de curta duração, os “ficantes”, são características dos tempos modernos. Nesta contemporaneidade, os laços afetivos podem ser traduzidos como “amores líquidos” (BAUMAN, 2004).

Segundo as entrevistadas desta pesquisa, a família – pai, mãe e irmãos – não exerceu nenhuma influência na escolha por permanecer solteiras. Para elas, a família foi fundamental nos estudos, na educação, na formação de sua moral. Quanto à tomada de decisões, algumas se sentiram pressionadas, outras não, mas a família entendeu que a mulher de hoje não é a mulher do passado. Ela faz suas escolhas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo procurou refletir sobre a solteirice, adotando como eixo condutor as diferentes formas como mulheres de classe média concebem e experienciam a condição de solteiras. Conforme se evidenciou na introdução, foram tomadas como sujeitos desta pesquisa mulheres solteiras e independentes, entre 40 e 60 anos, residentes em uma cidade de porte médio, Viçosa, MG, e em uma de pequeno porte, Senador Firmino, MG. Mulheres que decidiram permanecer solteiras como um sinal de status que lhes confere maior grau de mobilidade e também de autonomia. Mais especificamente, o que se pretendeu foi desvendar suas representações e práticas sociais no campo da solteirice, expectativas relacionais e profissionais, estilos e projetos de vida. Em suma, a experiência vivida por essas mulheres se tornou o foco deste estudo.

Neste trabalho, ficou demonstrado que a noção de “mulher solteira” na contemporaneidade apresenta dimensões que a diferenciam de outras “solteiras” do passado. Comparar a trajetória de vida entre mulheres solteiras de Viçosa e de Senador Firmino permitiu compreender o universo das mulheres desta pesquisa. Suas narrativas e trajetórias possibilitaram entender as motivações que as levaram à solteirice. Mostraram uma variedade nos modos/estilos de vida adotados, suas experiências amorosas e projetos para o futuro. Esses projetos incluem mudar de cidade, cuidar um pouco mais de si, viajar. Em comum, elas têm a realização profissional, sendo o trabalho uma noção que marca todas as falas. É o trabalho que garante a independência financeira desta mulher que escolheu morar e viver sem o seu par.

Embora o desejo de autonomia seja reforçado pelo fato de essas mulheres serem independentes economicamente, na análise das narrativas, observou-se que, para algumas das entrevistadas, esse desejo de autonomia esbarra nos limites da própria capacidade de agir, de fazer escolhas. Identificou-se nas falas destas mulheres que Viçosa e Senador Firmino, campos desta pesquisa, apresentam dados que mostram valores diferenciados no modo como elas vivenciam o seu dia a dia. As diferenças ficaram demarcadas nas suas práticas cotidianas.

Pelas narrativas, apurou-se que viver solteira em Viçosa é tranquilo, porquanto, sendo uma cidade universitária, as pessoas têm relações mais societárias. Viçosa é marcada por aspectos modernos e tradicionais, por isso, a mulher que busca sua individualidade, às vezes, se sente meio tolhida nas suas escolhas. Mesmo assim, por ser considerada uma

cidade com um fluxo de pessoas bastante elevado, ela favorece aos moradores a liberdade individual e os induz a optar por um estilo de vida que melhor lhes convém.

Já as solteiras de Senador Firmino, também sujeitos desta pesquisa, revelaram nas entrevistas que, mesmo sendo economicamente independentes, ainda se sentem pressionadas pela sociedade, que influencia sobremaneira suas decisões e escolhas. Wirth (1976) e Simmel (1971) afirmam que o mundo interiorano restringe a liberdade das pessoas, e Senador Firmino, por ser uma cidade de pequeno porte, segue essa tendência.

No que se refere às motivações que levaram essas mulheres a optar pela solteirice, tanto as de Viçosa quanto as de Senador Firmino relacionam essa condição à independência econômica e afetiva, mas cada uma tem um modo peculiar de expressar seu pensamento em relação a esta independência. O prazer de ficar sozinha consigo mesma, o poder de fugir do controle da família patriarcal, o fato de morar sozinha e ter a própria casa, o aumento das taxas de divórcio e separações, a viuvez, os filhos, tudo isso levou as mulheres dessa pesquisa a escolher a solteirice como um estilo de vida.

Enfim, este trabalho teve como foco estudar a trajetória de vida e práticas sociais de mulheres solteiras e independentes de classe média, residentes em Viçosa e em Senador Firmino, mas abre espaços para outras análises e interpretações bem como para o estudo de outros estratos sociais.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Darlane Silva Vieira. *Dando voz à diversidade: um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador*. 2007. Disponível em: www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/processaArquivo.php? Acesso em 25/03/2012.

BABBIE, Earl. *Métodos de Pesquisas de Survey*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1999.

BAUMAN, Zygmunt, *Vidas Desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

BERQUÓ, Elza. *Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica*. In: NOVAIS, F.A. (coord.) *A História da Vida Privada no Brasil*. Volume 4. São Paulo, Cia das Letras, 1997, pp. 411-437.

_____. *A família no século XXI: um enfoque demográfico*. Revista Brasileira de Estudos de População, vol.6 (2), 1989, pp.1-16.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução: Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Zouk, 2008.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2001.

_____. *Razões Práticas: Sobre a teoria da ação*. Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papyrus, 2010.

BRAGANÇA PEDRO, Claudia e SOUZA GUEDES, de Olegna. *As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres*, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/1.ClaudiaBraganca.pdf> Acesso em 26/03/2012.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, Senado, 1998. Disponível em: <http://www.firb.br/ABNT3.pdf> Acesso em 12/03/2012.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Tendências demográficas no período de 1950/2000*. 2004. Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01//409680.pdf> Acesso em 06/02/2012.

_____. *Síntese dos indicadores sociais de 2010*. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf. Acesso em 06/02/2012.

BREVER, Beatriz; LAMARE de Julia e MARTINS, Paula. *Convenção de Belém do Pará*. Disponível em: http://academico.direito-rio.fgv.br/wiki/Conven%C3%A7%C3%A3o_de_Bel%C3%A9m_do_Par%C3%A1 Acesso em 07/03/2013.

BRUSCHINI, Cristina e PUPPIN, Andrea B. *Trabalho de mulheres executivas no Brasil no final do século XX*. Cadernos de Pesquisa, vol. 34 (121), São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 2004, pp.105-138. In GONÇALVES, Eliane. "Remar o próprio barco": a centralidade do trabalho no mundo das mulheres "sós" Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid. Acesso em 09/03/2012.

CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. Volume 2 São Paulo: Paz e Terra, 2008.

COSTA, Ana Alice Alcântara. *O movimento feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política*. 2005. Disponível em: <http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/01112009-115122costa.pdf>. Acesso em 10/02/2012.

FÉRES- CARNEIRO, Terezinha. *Conjugualidades Contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade*. 2011. Disponível em: www.mp.mg.gov.br/portal/public/interno/arquivo/id/27139 Acesso em 20/01/2012.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

_____ *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1993.

GOLDENBERG, Miriam. *Novas famílias nas camadas médias urbanas*, 2003. Disponível em <http://miriangoldenberg.com.br/images/> Acesso em 26/01/2012

_____ e TOSCANO, Moema. *A Revolução das Mulheres*. Rio de Janeiro, Revam, 1992.

GONÇALVES, Eliane. *Vidas no singular: noções sobre "mulheres sós" no Brasil contemporâneo*. Unicamp SP, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000188&pid=S0104-8333201000010001000020&lng=pt Acesso em: 28/01/2012.

GORDON, Tuula. *Single Women: on the margins?* New York University Press, 1994 In: GONÇALVES, Eliane. *Vidas no singular: noções sobre "mulheres sós" no Brasil contemporâneo*, 2007.

HIRATA, Helena. *Nova Divisão sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo editorial, 2002

JARDIM PINTO, Celi Regina. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

JORNAL HOJE. *Processo contra marido agressor não depende da denúncia da vítima*. Disponível em: g1.com.br/jornalhoje. Edição de 10/02/2012.

JORNALHOJE. *Número de mulheres responsáveis pela renda do lar*. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/11/numero-de-mulheres-responsaveis-pela-renda-do-lar-dobra-em-dez-anos.html>. Acesso em 06/02/2012.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Tradução Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude – *A Família*. In: O homem, a cultura, a sociedade. São Paulo: Fundo de Cultura, 1972.

LOPES, Valquíria. *Maduras, livres e poderosas*. Estado de Minas. Belo Horizonte, p.19. 06/06/2011.

MACIEL, Miriam de Oliveira. *Alunos com Altas Habilidades/Superdotação e o Fenômeno Bullying*. Dissertação de Mestrado: UFSM, Brasil, 2011.

MATOS, Marlise. *Cenas da vida amorosa brasileira na modernidade tardia*. In: Reinvenções do Vínculo Amoroso. Belo Horizonte: UFMG/IUPERG, 2000. 332p
Disponível em:
<file:///C:/Documents%20and%20Settings/user/Meus%20documentos/UFV%20%202012%20-%20/CIS%20480/MARLISE%20MATOS.htm>. Acesso em 07/03/2013.

MONTENEGRO, David Moreno. *Desemprego, Informalidade, Precarização do Trabalho no Brasil Contemporâneo: Ensaio sobre uma tragédia anunciada*. 2008.
Disponível em:
<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/davidmorenomontenegro.pdf>
f. Acesso em: 09/02/2012

PATEMAN, Carole. *O Feminismo e o contrato de casamento*. In: *O contrato sexual*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993, pp.231-278.

PERUCCHI, Juliana e BEIRÃO, Aline Maiochi. *Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família*. 2007.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652007000200005&script=sci_arttext. Acesso em 22/01/2012.

Prefeitura Municipal de Senador Firmino. Disponível em:
<http://www.senadorfirmino.mg.gov.br/site/index.php/historia> Acesso em 12/12.2012.

SIMMEL, George. *A metrópole e a vida mental* In: VELHO, Otávio G. *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SORJ, Bila. *Sociologia e Trabalho: mutações, encontros e desencontros*. Rev. bras. Ci. Soc. vol.15 n.43 São Paulo Junho, 2000. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092000000200002&script=sci_arttext
Acesso em: 27/02/2012

SPINDOLA, Thelma e SANTOS, Rosângela da Silva. *Trabalhando com história de vida: percalços de uma pesquisa (dora)?* 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf> Acesso em 29/04/2012

TIBURI, Márcia. *Feminismo e filosofia no século 20*. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/feminismo-e-filosofia-no-seculo-20/> Acesso em: 07/03/2013.

VAITSMAN, Jeny. *Flexíveis e Plurais*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

VEIGA, Luciana e GONDIM, S. M. Guedes. *A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político*. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762001000100001&script=sci_arttext Acesso em 12/12/2012.

VIÇOSA – Minas Gerais Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Vi%C3%A7osa_%28Minas_Gerais%29 Acesso em
12/12/2012.

WIRTH, Louis. *Urbanismo como forma de vida*. In VELHO, Otávio G. O fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

8. ANEXOS

Tabela 4.1 - Arranjos familiares residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por tipo, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2009

(continua)

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Arranjos familiares residentes em domicílios particulares					
	Total (1 000 arranjos)	Distribuição percentual, por tipo (%)				
		Unipessoal	Arranjos		Casal sem filhos	
			Com parentesco	Sem parentesco	Com outros parentes	Sem parentes
Brasil	62 307	11,5	88,2	0,3	2,2	15,2
Norte	4 586	8,5	91,2	0,3	2,9	11,8
Rorônia	474	9,8	89,9	0,4	2,8	15,8
Acre	202	7,9	91,5	0,6	2,9	12,3
Amazonas	989	7,1	92,5	0,4	3,1	10,3
Roraima	125	10,1	89,7	0,1	1,4	12,0
Pará	2 208	8,4	91,3	0,2	3,0	11,5
Região Metropolitana de Belém	680	8,4	91,5	0,1	2,7	11,4
Amapá	176	6,4	93,0	0,6	1,7	9,7
Tocantins	411	11,4	88,2	0,4	3,2	13,4
Nordeste	16 625	10,0	89,8	0,2	2,5	12,7
Maranhão	1 885	8,6	91,3	0,2	3,9	11,2
Piauí	974	9,6	90,3	0,1	2,4	12,1
Ceará	2 626	8,2	91,4	0,4	2,4	12,7
Região Metropolitana de Fortaleza	1 128	8,0	91,5	0,5	1,7	11,8
Rio Grande do Norte	1 025	9,5	90,3	0,2	1,9	14,0
Paraíba	1 162	8,2	91,7	0,2	2,6	12,7
Pernambuco	2 762	10,8	89,0	0,3	2,2	13,3
Região Metropolitana de Recife	1 260	11,3	88,2	0,5	2,1	14,3
Alagoas	952	8,9	91,0	0,1	2,3	12,6
Sergipe	647	10,0	89,9	0,1	1,6	12,6
Bahia	4 592	12,0	87,9	0,2	2,4	12,8
Região Metropolitana de Salvador	1 259	13,4	86,5	0,2	1,6	12,0
Sudeste	27 020	12,7	87,0	0,3	1,9	16,1
Minas Gerais	6 609	12,3	87,5	0,3	1,8	14,5
Região Metropolitana de Belo Horizonte	1 709	12,6	87,1	0,3	1,1	12,9
Espirito Santo	1 159	11,1	88,7	0,2	1,8	17,7
Rio de Janeiro	5 572	15,4	84,2	0,4	2,3	16,6
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	4 094	15,7	83,9	0,4	2,3	16,1
São Paulo	13 680	11,9	87,8	0,2	1,7	16,5
Região Metropolitana de São Paulo	6 393	11,7	88,1	0,2	1,7	14,0
Sul	9 462	12,2	87,4	0,4	2,0	16,5
Paraná	3 580	11,5	88,0	0,5	2,1	17,4
Região Metropolitana de Curitiba	1 105	11,7	87,8	0,5	1,7	16,2
Santa Catarina	2 050	10,5	89,3	0,2	2,0	19,9
Rio Grande do Sul	3 832	13,9	85,8	0,3	1,9	18,8
Região Metropolitana de Porto Alegre	1 437	15,7	83,9	0,4	1,8	16,6
Centro-Oeste	4 615	11,4	88,3	0,3	2,4	15,8
Mato Grosso do Sul	810	12,9	87,1	0,0	2,5	16,6
Mato Grosso	1 022	10,8	88,9	0,3	2,7	18,1
Goiás	1 945	11,2	88,5	0,3	2,6	15,7
Distrito Federal	837	11,4	88,1	0,5	1,6	12,6

Tabela 4.1 - Arranjos familiares residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por tipo, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2009

(conclusão)

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Arranjos familiares residentes em domicílios particulares				
	Distribuição percentual, por tipo (%)				
	Casal com filhos		Mulher sem cônjuge com filhos		Outros tipos
	Com parentes	Sem parentes	Com parentes	Sem parentes	Com parentesco
Brasil	4,9	42,4	3,5	13,9	6,2
Norte	6,5	44,4	4,0	14,7	6,7
Rondônia	5,9	44,5	3,7	11,8	5,6
Acre	7,7	43,7	4,7	13,6	6,6
Amazonas	7,1	44,9	4,7	15,5	6,9
Roraima	6,3	43,0	5,5	15,3	6,2
Pará	6,4	44,7	3,8	15,4	6,5
Região Metropolitana de Belém	7,9	37,7	5,6	18,3	7,8
Amapá	6,5	45,7	5,1	17,3	7,0
Tocantins	6,6	41,6	3,0	12,2	8,3
Nordeste	5,3	43,2	4,1	15,4	6,6
Maranhão	7,5	41,7	5,0	14,8	7,2
Piauí	4,9	45,3	3,2	15,0	7,5
Ceará	5,1	44,6	3,3	16,9	6,4
Região Metropolitana de Fortaleza	5,2	42,2	4,5	18,8	7,4
Rio Grande do Norte	4,0	45,2	2,9	16,0	6,3
Paraíba	5,1	45,9	3,9	15,6	5,9
Pernambuco	4,6	42,1	4,7	15,2	6,8
Região Metropolitana de Recife	4,3	37,2	5,6	17,4	7,4
Alagoas	5,3	46,5	4,2	14,7	5,3
Sergipe	4,1	43,1	3,8	17,9	6,8
Bahia	5,4	41,6	4,3	14,6	6,7
Região Metropolitana de Salvador	5,0	37,6	5,2	18,2	6,8
Sudeste	4,6	41,3	3,4	13,6	6,2
Minas Gerais	4,2	41,9	3,5	15,2	6,3
Região Metropolitana de Belo Horizonte	3,2	41,6	3,3	18,0	7,0
Espírito Santo	4,4	41,6	3,4	13,8	5,8
Rio de Janeiro	4,5	36,7	4,1	13,4	6,6
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	4,6	36,0	4,2	13,7	6,9
São Paulo	4,9	42,8	3,0	12,9	6,0
Região Metropolitana de São Paulo	5,2	42,8	3,8	14,2	6,5
Sul	4,3	43,6	2,5	11,5	5,0
Paraná	4,3	44,4	2,7	11,6	5,5
Região Metropolitana de Curitiba	3,7	43,4	3,2	13,4	6,1
Santa Catarina	5,2	46,4	2,2	10,0	3,6
Rio Grande do Sul	3,9	41,3	2,4	12,2	5,3
Região Metropolitana de Porto Alegre	3,3	39,6	3,0	13,9	5,7
Centro-Oeste	4,4	41,4	3,4	14,1	6,7
Mato Grosso do Sul	4,1	41,2	2,8	13,6	6,3
Mato Grosso	3,2	41,6	3,1	13,3	6,9
Goiás	5,1	41,5	3,8	13,2	6,5
Distrito Federal	4,5	40,9	3,6	17,4	7,5

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

Nota: Excluídas as pessoas cuja condição na família era pensionista, empregado doméstico ou parente do empregado doméstico.

Roteiro de entrevista (para Viçosa)

- 1) Nome da entrevistada:
- 2) Idade:
- 3) Escolaridade: Curso Superior:
- 4) Inserção no trabalho:
() Autônoma; () Empregada; () Empregadora () Funcionária Pública
- 5) Profissão:
- 6) Nível de renda: () Até 5 SM; () Acima de 5 SM.
- 7) Estado civil: () Solteira. () Divorciada. () Separada. () Viúva.
- 8) O que você pensa de a mulher permanecer solteira hoje em dia ou como você vê a mulher que escolhe viver solteira na atualidade?
- 9) Poderia me dizer por que você não se casou? Ou por que não se casou novamente?
- 10) Como é viver solteira em Viçosa? E como é sua vida social?
- 11) Seu estado civil já influenciou de alguma maneira sua vida profissional? Ou sua vida profissional teve alguma influência na sua condição de solteira? Como?
- 12) Como é a relação com sua família (pais, irmãos)? Que papel a família tem na sua escolha pela vida de solteira?
- 13) Nos últimos anos, você esteve namorando? Atualmente você está namorando alguém? (Se a resposta for “não”, perguntar “por quê?”)
- 14) O que você poderia falar sobre vantagens e desvantagens na sua vida de solteira?

Roteiro de entrevista (para Senador Firmino)

- 1) Nome da entrevistada:
- 2) Idade:
- 3) Escolaridade: Curso Superior:
- 4) Inserção no trabalho:
() Autônoma; () Empregada; () Empregadora () Funcionária Pública
- 5) Profissão:
- 6) Nível de renda: () Até 5 SM; () Acima de 5 SM.
- 7) Estado civil: () Solteira. () Divorciada. () Separada. () Viúva.
- 8) O que você pensa de a mulher permanecer solteira hoje em dia ou como você vê a mulher que escolhe viver solteira na atualidade?
- 9) Poderia me dizer por que você não se casou? Ou por que não se casou novamente?
- 10) Como é viver solteira em Senador Firmino? E como é sua vida social?
- 11) Seu estado civil já influenciou de alguma maneira sua vida profissional? Ou sua vida profissional teve alguma influência na sua condição de solteira? Como?
- 12) Como é a relação com sua família (pais, irmãos)? Que papel a família tem na sua escolha pela vida de solteira?
- 13) Nos últimos anos, você esteve namorando? Atualmente você está namorando alguém? (Se a resposta for “não”, perguntar “por quê?”)
- 14) O que você poderia falar sobre vantagens e desvantagens na sua vida de solteira?